

# Revista do Ensino

ORGÃO OFFICIAL

DIRECTORIA DA INSTRUÇÃO

Belo Horizonte, 8 de Março de 1925

N.º 1

ANNO I



## SUMMARIO

Homenagem. Revista do Ensino. Uma palavra aos professores. O individualismo e a autoridade em educação. O trabalho escolar. Ensino primário profissional. Ensino normal. A's creancinhas. A linguagem affectiva. Edifício escolar. Alumnos indigentes. Arvore do Bem. Gonzaga. Cousas de instrução. Cultivo de uma especialidade. Os methodos novos no ensino primario.

Movimento escolar. Os tamanquinhas de Narciso. Directoria da Instrução. Novos predios para grupos escolares. Do canto nas escolas. Os nossos bons professores. Os methodos escolares do Estado em 1924. Clubs Agricolas de meninos e moças. Assistencia dentaria escolar. Novos rumos educativos. O ensino de pharmacia. Associação das Mães. Assistencia Medico Escolar.



Estampando, no seu primeiro numero, os retratos dos Drs. Mello Vianna e Sandoval de Azevedo, presta a *Revista do Ensino* a esses dous dignos mineiros, uma justa e merecida homenagem, pelos inestimaveis serviços que aos mesmos deve a causa da instrução no nosso Estado.



## Revista do Ensino

Com o presente numero, iniciamos a publicação da Revista do Ensino, creada pelo novo regulamento, cujas disposições abaixo reproduzimos:

Art. 479. A Directoria da Instrução publicará, mensalmente, a Revista do Ensino, destinada a orientar, estimular e informar os funcionarios do ensino e os particulares interessados em assumptos com este relacionados.

Art. 480. A Revista do Ensino daverá constar:

- 1.º de uma parte doutrinaria destinada a:
  - a) dirigir o professorado publico do Estado, harmonizando seus esforços;
  - b) pô-lo ao corrente da evolução do ensino primario em todos os seus aspectos;
  - c) publicar-lhe os trabalhos ou extractos destes, quando de evidente interesse didactico;

2.º de uma parte noticiosa destinada a publicar:

- a) factos e occorrencias locais, nacionaes ou estrangeiras, que possam orientar os funcionarios do ensino;
- b) dados estatísticos relativos á instrução;
- c) actos officias que interesse aos funcionarios do ensino conhecer.

Art. 481. A parte doutrinaria deverá limitar-se á publicação de pequenos trabalhos de interesse immediato, resumos de obras e de artigos extrahidos de revistas congeneres, nacionaes ou estrangeiras.

Art. 482. Os trabalhos de collaboração dos funcionarios do ensino, quando contiverem materia relevante, serão publicados na integra, ou em resumo, segundo o maior ou menor merecimento delles.

Art. 483. O Director da Instrução fará publicar, sempre que julgar conveniente, na integra, ou em resumo, os relatorios dos inspectores technicos regionaes.

Art. 484. A Revista do Ensino será dirigida pelo Director da Instrução, que escolherá, dentre os funcionarios do ensino de maior merecimento, um auxiliar para encarregar-se da redacção da mesma.

Paraphrasso unico. O funcionario, assim escolhido, receberá, além de seus vencimentos, uma gratificação arbitrada pelo Secretario do Interior.

Art. 485. A Directoria da Instrução porá á disposição da Revista do Ensino um antanunense e um auxiliar, para os serviços de revisão de provas, escripturação e expediente.

Art. 486. Enquanto se não organizar definitivamente a Revista do Ensino, as materias constitutivas da mesma irão sendo publicadas, em supplemento, no Orgão Official dos Poderes do Estado.

As disposições regulamentares definem perfeitamente a natureza da Revista.

Convidamos alguns colaboradores; aceitamos, porém, as contribuições que nos forem enviadas por quem quer que seja, desde que venham assinadas pelos seus autores e mereçam ser publicadas.

A Revista publicará também artigos sobre História do Brasil e, especialmente sobre a História de Minas Geraes cujo valor educativo não é preciso enunciar.

Trabalhos meramente literários não encontrarão acolhida, desde que se relacionem com o objetivo geral da Revista.

Esperamos, dentro em breve, publicar a Revista em folheto separado. Desde já, porém, são adoptadas as dimensões definitivas de cada volume, podendo ser guardados os suplementos do Orçamento Oficial do Estado, para uma futura encadernação.

A Directora da Instrução.

**UMA PALAVRA** As questões economica, sanitaria e outras que tanto preoccupam aos professores e dirigentes do Brasil, nenhuma se resolve a não ser no ensino publico. A educação popular é a base de todo avanço material e moral. Um povo ignaro não pode progredir; ha de marchar a passo, creando pouco e explorado no seu trabalho e na sua produção pelos povos mais esclarecidos.

Educar o povo não é porém ensinar-o apenas a ler e escrever. A leitura e escripta são meros instrumentos de instrução. Devolver o joven á sociedade sabendo apenas ler e escrever, é o mesmo que entregar a um aprendiz uma enxada e uma serra e despedir-o da officina. Um e outro entrarão na vida com esses instrumentos de que não sabem usar, e cujo manejo não tardarão a abandonar e esquecer.

O dever do mestre é proporcionar aos alumnos esses instrumentos de instrução e ensinar-os a usar delles, explicando-lhes as palavras e o sentido do que lêem e como devem redigir, dando ás idéas expressão logica, antes de lançal-as no papel.

Ao mesmo tempo deve o professor transmittir aos alumnos os conhecimentos elementares das sciencias, da geographia e da historia, e as noções cívicas e moraes; narrar-lhes e commentar os factos contemporaneos de modo que, deixando a escola, com esse inicio de educação possam elles continuar-a com seus meios proprios.

Tenha sempre em vista o professor que a educação primaria é a unica que receberá a maior parte dos seus alumnos. Os que tiverem completado o curso escolar com aproveitamento, poderão desenvolver a sua educação por si proprios, conquistando na sociedade uma posição correspondente ao esforço que dispenderem. Mas aquelle que abandona a escola, mal aprendeu a ler e escrever, não tardará a recahir no analfabetismo.

Lendo mal, com pouco vocabulario e o espirito pouco desenvolvido, não mais abrirá livros, porque para elle a leitura em praezer é um sacrificio. E' como o estudante que passou por concidencia o exame de latim ou allemão e que nunca mais se dará ao trabalho penoso de ler uma pagina nessas linguas.

Cumpra ao professor esclarecer os paes, atrahir e conservar na escola os seus jovens patricios, abrindo-lhes ao espirito os horizontes que por si mesmos não poderão desvendar. Por isso é que se equipara o magisterio a um sacerdotio e que os povos cultos cercam de considerações e respeito ao professor—obreiro fundamental de todo progresso de um paiz.

Para poder educar, o professor deve aperfeiçoar a sua educação, adquirir constantemente novos conhecimentos, (porque os homens, inclusive os santos, aprendem até morrer) e estar ao par dos progressos nos methodos de ensinar e não perder o estímulo de prestar á sociedade os serviços que delle espera.

E' esse um dos objectivos da Revista do Ensino, inaugurada pelo Secretario do Interior Dr. Sandoval de Azevedo, cujo carinhoso interesse pela educação popular assignalára benemeritamente a passagem desse já illustre mineiro pelo governo do nosso Estado.

MARIO BRANT

## O INDIVIDUALISMO

### E A AUCTORIDADE,

#### EM EDUCAÇÃO

Trechos de uma conferencia realizada em S. Paulo, em 1918

(LUCIO JOSÉ DOS SANTOS)

Segundo Rousseau, o homem é bom e perfeito por natureza: é a sociedade que o deprava. Em consequencia, deve a educação ser a mais natural, deixando-se a criança entregue á si mesma. Á sua espontaneidade, á sua iniciativa.

Até aos 12 annos, deve o educador desenvolver apenas os sentidos do alumno, deixando-o sem vícios, sem virtudes, sem idéas preconcebidas, no estado natural.

As unicas cousas que lhe podem ser ensinadas, ainda assim em pequena dose, são a musica e o desenho.

Aos 12 annos, começa a instrução, mas fracamente. O methodo de ensino é o socratico: fazer com que a criança descubra, por si mesma, a verdade. Nada de livros; nada de ensino dogmatico.

Em seguida, dos 15 aos 20 annos, começa o ensino das Sciencias physicas e da Astronomia, experimentalmente sempre. A propria Geographia é ensinada por esse methodo.

Nessa epocha o alumno é, apenas um rapaz robusto, mas egoista, sem idéa religiosa.

Agora, vae elle tornar-se affavel, delicado, e afinal, religioso, depois dos 20 annos.

A influencia das idéas do illustre sophista suizo foi immensa. Todos os pedagogos do seculo XVIII inspiraram-se, mais ou menos, nas idéas de Rousseau; assim Bascomend, Pestalozzi, Frobel, etc.

Pestalozzi, como Rousseau, suppõe a criança boa e perfeita por natureza, e condemna a instrução exclusivamente pelos livros; em grande parte, porém, devia-se do methodo preconisado pelo philosopho de Geneva.

Pestalozzi allia a instrução ao trabalho manual; pratica, em parte, a educação dogmatica; usa a mesma abstracção de qua-



Grupo Escolar de Theophilo Ottoni — Frente do edificio

dros synopticos e dos mecos mecanicos de ensino. Foi admiravel no emprego do methodo intuitivo e do ensino colectivo.

O seu discipulo e continuador foi Frobel, o creador dos "Jardins da Infancia."

Kant inspirou-se em algumas idéas de Rousseau; deixou o longe, porém, produzindo uma Pedagogia de alto valor.

Ao contrari-o do autor do "Emile", suppõe Kant que o homem é naturalmente mau e que, só pela educação, se torna verdadeira e dignamente homem.

Segundo Condillaz, a educação nada vale, si não é uma deducção da Psychologia, etc.

Divergindo de Rousseau, quer elle que se falle mais á razão do que á imaginação e á memoria da criança.

Mallebranché e Didrot queriam tambem uma educação pela razão.

La Chalotais, grande inimigo dos jesuitas e dos letrados das Escolas Christãs, accusava especialmente essas conegregações por ensinarem indistinctamente ao povo como a qual-quer outra classe social, sustentando haver pessoas na sociedade, que não precisam nem mesmo devern, ás vezes, receber instrução.

Voltare não estava longe de pensar tambem desse modo, porquanto, na sua opinião, para a felicidade do Estado, é necessário que haja ignorantes.

Não vale a pena deter-se alguém na Pedagogia revolucionaria. Neste, como em quasi todos os assumptos, a Revolução demonstrou a mesma esterilidade e impotencia.

Danton e Barrère pensavam como Piatto, isto é, que a criança pertence ao Estado.

As idéas de Roland, Talleyrand e Lepelletier-Saint-Fargau eram verdadeiras aberrações. Génier, que aliás possuiria uma concepção mais elevada nesse terreno, só se encontrou como mecos educativos as festas patrioticas, festas da republica, da mocidade, da velhice, dos esposos, do reconhecimento, da agricultura, da liberdade etc.

As utopias de Saint-Simon, Fourier, Considerant, Cabot, Jacot e outros não merecem mencão.

Mme. C. M. Man, Mme. Révussat e Mme. Guitot foram excellentes educadoras, mas não formaram propriamente escola.

O exame desse assumpto levar-me-ha longe da minha thesa.

Rousseau suppõe a criança perfeita, fundamentalmente boa: é um erro.

Kant afirma que a criança é naturalmente má e que só se torna boa pela educação: é outro erro.

Nem uma, nem outra cousa.

A criança é innocente e boa, porque não conhece o mal; é má, porque os seus instinctos a impellem para o mal e porque, muitas vezes, embora sem o saber, commette o mal.

Nessa obra magistral, que encerra uma Psychologia profunda da natureza humana, desde o berço, nas "Contosões", disse Santo Agostinho: A criança é innocente por causa da sua fraqueza e da sua impotencia; não, porém, pelas disposições da sua alma.

Embora admitindo o pecado original, está a doutrina católica muito longe de ensinar a perversão nativa do homem.

«A culpa original pesa sobre nós, é uma força que nos impelle ao mal. A graça age em nós, para operar a nossa salvação e a graça é um dom sobrenatural que Deus nos concede gratuitamente, por causa dos merecimentos de Jesus Cristo».

Para evitarmos o mal e praticarmos o bem, collocou Deus em nós duas lutas — a razão e a íg. A razão guia-se pelos princípios do bem e do justo, princípio que encontra em si mesmos, estimulada pela influência que recebe directamente de Deus, que lhe vem, pois, de mais alto.

A doutrina christã reconhece que, ainda que a figura de Kant, igualmente longe do excessos de Rousseau e de Kant.

«Nabi procede toda uma pedagogia. A criança tem disposições naturais que devem ser apenas cultivadas e desenvolvidas, estimuladas e orientadas, sem a autoridade, por uma natureza adequada».

A criança manifesta tendencias que precisam ser contrariadas e apenas rectificadas, exigindo-se necessariamente a autoridade.

(Continúa)

## O TRABALHO ESCOLAR

precisa ser distribuído pelos alumnos conforme a capacidade mental de cada um destes

(ONACIA GUIMARÃES)

Uma das grandes vantagens da adopção dos tests de intelligencia, nas escolas, verifica-se na distribuição do trabalho escolar das classes

Nas escola antiga, o professor determinava o mesmo trabalho para todos os alumnos, sem attender á differença do desenvolvimento mental, que existe entre elles. E que o professor attia desconhecida, por completo, a existencia de differenças individuais, que constituem matéria de estudo e observações constantes nos laboratorios de pedagogia e psychologia modernas.

Não ha em uma classe, por mais escholados que sejam seus membros, dois alumnos perfeitamente iguaes. Como não existem duas pessoas perfeitamente identicas no physico, assim tambem não existem no psychico. Não commette, pois, um grande erro o professor que espera trabalho perfeitamente identico, em quantidade e qualidade, de alumnos que representam individualidades differentes?

O professor que não estepe a differença no trabalho que exige de seus alumnos, prova grande desconhecimento da pedagogia moderna. Não se revela menos deshumano que os Gregos, castigando com a morte os pequenos infantes que vinham ao mundo com defeitos physicos, quando castiga aquelles que não aprendem ou não trabalham conforme delles é exigido. Em que se basea o trabalho que o professor rolinario dá ao alumno? Em tudo — o programma a ser exgotado, exames, exigencias das autoridades escolares; compêctio com outras classes; fiscalização dos paes e tantas outras cousas. Nunca, porém, no factor mais importante a considerar: a capacidade mental da criança.

Assim procedendo, o professor destróe, inconscientemente, muitas capacidades superiores, e esmaltas

ga muitas de qualidade inferior, porém que, convenientemente tratadas, produziriam algo de bom.

Ilustremos. Um alumno de sete annos de idade chronologica entra á escola. E' analfabeto. Apesar de ter um desenvolvimento mental egual ao de uma criança de nove annos, elle é classificado no primeiro anno do curso, onde se acham outras crianças de sua idade. Devido á sua superioridade de intelligencia, é o primeiro a aprender as lições. Sabe-as de cor e saído, como vulgarmente se diz. Mas os demais alumnos da classe não as sabem ainda. Que faz o professor? Repete, repete, repete a repetir as mesmas lições. O alumno superior cansa-se de ser alumno passivo e quer arvorar-se em professor ou adjunto d'elles. Não sendo chamado, elle quer responder pelos outros.

A professora reprehende-o. Elle insiste. E' castigado com detenção na escola.

Não mais desobedece o professor. Quando este está a repetir as lições, o privilegiado — arranha a carteira com um alfinete, ou rasga as folhas do livro; belisca o companheiro ou faz careta para o mais brigador da classe e, dia após dia, vai se tornando mais disciplinado, até que se torna incorrigivel.

O pobre repetidor de lições, por sua vez, toma tal aversão á escola e aos estudos que, como já se ouviu de um delles, chega ao ponto de pedir fervorosamente a Deus que mude a cor de sua pelle; que o faça preto como o filho da lavadeira que jamais fora mandado á escola ao supplicio.

O professor moderno conhece o grau de intelligencia de cada um de seus alumnos e é este grau que determina a qualidade e a quantidade de trabalho que elle dá ao alumno, e os resultados que elle deve esperar e exigir.

Assim, o alumno de intelligencia superior trabalha duas vezes mais que o de intelligencia normal e tres vezes mais que o de intelligencia retardada, digamos. Tambem na qualidade do trabalho precisa ser graduado pela intelligencia do alumno.

Distribuído o trabalho conforme a capacidade de cada alumno, muitos problemas serios de disciplina ficariam perfeitamente resolvidos. Os alumnos trabalhariam com mais interesse e a intelligencia do professor pode dedicar o tempo e a energia que despendem em fiscalização e correção de faltas de disciplina, em cousas mais importantes ao desenvolvimento da educação.

(Continúa)

## ENSINO PRIMARIO PROFISSIONAL

Devem existir lições entre o ensino profissional e o ensino primario propriamente dito? Queas?

Si tomarmos a palavra «ensino profissional» em sua accepção lato, a negativa se impõe, porquanto «isto senzo a expressao, ensino professional é todo ensino, que visa habilitar para uma profissão qualquer encerrada sob esse aspecto, as faculdades de direito, as escolas de medicina, as estabelecimentos de ensino professional» — Buison (N. D. de *Pedagogia*).

Fomada aquella expressao em sua accepção restricta, — a elucidação da presente theza dependerá da maior, ou menor

extensão que tenha aquelle ensino nos estabelecimentos primarios propriamente ditos. Assim, a ideia de ensino profissional que o Estado converte o educando num operario ou num artezão, subirá a negativa, porque não é essa a missão exclusiva, ou primordial do ensino primario propriamente dito. Si, porém, o ensino professional for ministrado educador dos sentidos, encaminhaador das faculdades motrices, iniciador da dectividade e da motilização, apenas preparatório do ensino professional propriamente dito, que se ministrará em outras escolas adequadamente organizadas (escolas de aprendizades artífices, institutos profissionaes, escolas de commercio, escolas agrarias) — impõe-se a affirmativa. Devem existir lições entre o ensino professional, considerado como meramente manual, e o ensino primario propriamente dito.

Por que?

a) sendo dos os grandes ramos da actividade humana: *trabalho intellectual* (base das artes liberes) e *trabalho manual* (base das artes mechanicas), — o ensino d'aquelle, desasociado d'este, destrói a actividade humana, insinuando um ramo do outro, desenvolve o primeiro em detrimento do segundo

b) o ensino primario propriamente dito se propoe antes de tudo á educação geral das faculdades da criança. (Verão do *Estado de Minas Geraes*, n. 4. 041 de novembro de 1913 — Introdução aos Professores)

c) o ensino primario propriamente dito deve servir de base dos conhecimentos technicos da profissão, que mais tarde o educando irá abraçar — idem:

d) segundo Locke, o trabalho manual é o unico capaz de realizar o equilibrio entre o ser physico e o ser intellectual;

e) o trabalho manual exercita as tres faculdades maximas da actividade: attenção, percepção e intuição;

f) disciplina o educando, afazendo-o ao *methodo* e á paciência

g) desperta na criança a vontade, o afeto de aptidões latentes e fomenta o gosto estetico;

h) «a actividade dos sentidos constitue a base da actividade psychica» (Faria de Vasconcellos);

i) «existe uma relação entre o desenvolvimento da intelligencia e a energia dos movimentos volitivos» (Férré);

j) «a energia e a dectividade da mão estão em correspondencia com o desenvolvimento intellectual»;

k) segundo Sunberg, o trabalho manual pedagogico, habilitando os olhos a ver, as mãos a trabalhar, e contribuindo para o desenvolvimento dos sentidos moraes dos alumnos, constitue um contraposto á pedagogia puramente litteraria;

l) da ligação do trabalho manual ao primario proprioamente dito resulta a associação harmonica de todas as funções psychicas á actividade organica, resultando a unidade do organismo em suas acções physicas, intellectuaes e moraes (Faria de Vasconcellos);

m) como o trabalho manual a actividade muscular associada a actividade psychica está, por sua vez, subordinada a energia dos movimentos voluntarios, estabelecendo assim o equilibrio physico-psychico (idem);

n) educando o sentido da vista, habilita-a ao conhecimento das *noções* seguintes: direcção, distancia, volume e movimento (idem);

o) adtrexando o sentido da vista e o sentido do tacto, subordinando este áquelle, permite estabelecer relações de associação entre o tacto e a visão;

p) assegura ao alumno, ao deixar a escola, meios materiaes de existencia;

q) segundo o *sistema economico* (um dos 2 sistemas do ensino primario de trabalhos manuaes) o trabalho «fomenta as forças geradoras das riquezas sociaes»;

r) segundo o *sistema pedagogico* (contraposto ao acima enunciado) o trabalho manual é excellentemente meio educador, que consegue imprimir não uma «simplão geral ás diversas circumstancias da vida pratica»;

s) Rousseau, baseado no paradosso de que «o homem serzão é tanto mais perfeito quanto mais proximo da natureza» proclamava as excellencias do trabalho manual no seguinte aserto: «O trabalho manual é a occupação que mais aproxima o homem do estado da natureza» (*Emilio*);

t) segundo Gutierrez («na *Revista do Ensino Professional*», assim como no *manuscrito* que lhe precedeu) «a natureza de leis explica uma infinidade de phenomenos, assim como no

reino animal a immensa variedade das especies procede de um numero reduzido de typos fundametaes, — assim o homem, com materias pouco numeroas de typos fundametaes de instrumentos ordinarios em meos, pode executar trabalhos de uma variedade illimitada. O trabalho industrial pode limitar-se a umas poucas materias fundametaes, e, assim, como aplanar, ajustar e torcer».

Comparando o trabalho manual com o ensino dos estudos manuaes, qual o ensino que habilita á realização dos fundamentos do trabalho industrial? O ensino manual. Logo, o ensino manual está para o trabalho industrial, assim como está a abecedaria para a escrita, como está o algarisma para a arithmetica, como está os phenomenos para a figuragem. Elle representa, na technica profissionaria, a base da intelligencia, — ponto de partida para a maxima complexidade.

a) no seculo 17 e 18 espiritismo, como Diderot, Curcuenot e Rousseau, Saint Just, J. B. de La Fontaine, afirmam a necessidade de introduzir-se o ensino manual nas escolas. Comentaes condemnando a seguinte declaração do ensino classico ao ensino manual — *ubi novus, unia novum, no docetur*.

b) a Revolução Francaesa, base da metamorphose social que inovou as instituições, acompanhando o alvite suggestivo por aquelles philosophos, fez, inserir nos decretos da Convenção a doutrina de que assim como todos tinham o direito de participar da cultura intellectual, — assistia-lhes o dever de concorrer, pelo exercicio do trabalho manual, para a *produção collectiva dos valores úteis*;

c) em Franca a lei de 28 de março de 1852 instituiu oficialmente o ensino manual, inclusive o manuseio de ferramentas dos principaes offícios. Essa mesma lei altera, perceptivelmente, o ensino manual, reflectido assim flemente e mesmo permanentemente revelado um severo antes pelos precussores de o novo advento para a Civilização;

d) sendo á das gradações do trabalho mechanicas, saber: *o trabalho primario, tecnico e industrial*, — é mister começar pelo primeiro para depois passar ao segundo e delec, successivamente, nos outros dois. Ora, si os 3 ultimos não podem ser ministrados na escola primaria propriamente dita, — deve ser o primeiro, porque, si o não fosse, ficaria o educando inhibido de matricular-se em institutos mais adiantados, excitivamente profissionaes, technicos, ou industriaes.

Passemos agora á 2.ª parte do enunciado da These: *Quaes as vantagens do ensino manual proprioamente dito? O ensino manual deve estar ligado intrinsicamente ao ensino do desenho, que é a base da intelligencia da criança.*

Em sua obra *Emilio*, Rousseau accenta a importancia do desenho na educação da criança, e, para isso, faz um preciso na percepção visual. Quatro annos antes do aparecimento de *Emilio*, o pintor Bacheler (1766) proclamava o *Desenho* o factor preparatorio mais importante do *Methodo Geometrico*, e vigorou muito tempo nas escolas primarias elementares e superiores. O ensino manual, massivo, está ser substituído pelo *methodo intuitivo*, que valia, que tinha por base «a observação directa da natureza». Era um methodo experimental, que se caracteristicos foram assim formulados por Gustave Belot:

a) a observação directa da natureza por base da intelligencia e do conhecimento do mundo; e

b) a natureza é conhecida e descrita, não deve ser abstracto;

c) o desenho não deve ser impressoal, mas conitado ás aptidões espontaneas, ao gosto innato do alumno;

d) o ensino do desenho deve acompanhar das *lições de calculo*;

e) coordenação entre o desenho e as outras materias de ensino o desenho devará de ser uma technica instilada para fazer parte integrante do *systematizado geral de estudos*;

f) o ensino manual devará estar ligado ao ensino da geometria (lógica e plana).

Sem que essa ligação implique o predomínio do *methodo geometrico* (já citado) ao *methodo intuitivo* (já referido), — não pode o aluno prescindir de um conhecimento do livro, e, assim, o ensino do desenho, e do trabalho manual, deve ser, em face, o contorno dos objectos, aprender a reconhecer aspectos da intelligencia, e do conhecimento dos objectos, nomear os

diversos acidentes da forma tangível das coisas. Accresce que o ensino manual se faz gradualmente, acompanhando progressivamente a maior, ou menor complexidade das formas geométricas. Assim começa pela execução de trabalhos em fios de arame de fibra (correspondentes às *balhas*), passa à construção de triângulos e polígonos feitos de papel, depois à cartagem com a execução de *caixas* e formas derivadas, conhecimento e medição das faces, arestas e ângulos, em seguida à execução de objectos análogos à *espirala* e *formas derivadas*, depois, successivamente, à de *cilindros, prismas, pyramides*, etc.

2) O ensino manual deve ter ligações com da arithmetica.

Si, consoante Faria de Vasconcellos (já citado), o ensino manual habilita a direcção, da distancia, do volume e do movimento, si o estudo da arithmetica é conexo com o da geometria (como ramos que são da mathematica) a quele que lê e estuda, si esta precisa do desenho, si este precisa ao ensino manual, — é força covir na ligação d'este á arithmetica.

3) O ensino manual deve ter ligações com as *lições de coisas*. Embora as *lições de coisas* não constituam uma disciplina propriamente dita, mas um processo de ensino que por seu turno é uma applicação do methodo intuitivo, — sob este ultimo aspecto não poderão deixar de estar ligadas ao ensino manual, pois esse deverá ser ministrado por forma notadamente intuitiva, valendo-se de *modelos*, que poderão ser, ou proprio o objecto tangivel, ou a sua reprodução pelo desenho, ou a sua configuração em alto relevo.

CARLOS GÖES



## Ensino normal

Quando, no desempenho da honrosissima commissão de estudar como era organizado, sob o ponto de vista de applicação, o ensino paulista e o fluminense, tive de apresentar ao governo Mineiro, em novembro de 1902, um relatório do estudo me levon, exordiei meu trabalho com esta synthese:

a) fundação da escola;  
b) formação do professorado.

Item certo é que não representava ella nenhuma innovação creadora á methodo pedagogico.

Desde a metade do seculo último, que foi, por zsim dir, a época da renascença para o ensino primario e normal entre povos cultos, era já preoccupação maxima de governos, legisladores e pedagogistas, o modo concreto de tornar em realidade aquella synthese. Assim, pois, em Minas, mais do que noutros partes da Federação, onde o ensino primario e normal era informe apenas, ankylozozado, pelo regime decalado, em Pernambuco e amorphia liberação, tornava-se impresscindiva a construção de novo edificio. Por isso mesmo o sr. Francisco Sales, no anno seguinte, e em mensagem ao Congresso Mineiro, a reproduzindo, corroborando, consequentemente, o conceito de que tudo estava para ser creado nesse complicado departamento administrativo.

Comçou com João Pinheiro a reacção reformadora. Mas o seu oppositismo Secretario do Interior, que deu aliao um grande impulso ao ingente problema da instrução pelo pular, deixou se empregar, de preferencia, pela expansão do ensino primario, que estava decalado, indubitavelmente, ao ultimo degráo da inutilidade, sem lhe occorrer que fallacia, em absoluto, a mysteria prima — o professor elementar — isto é, o profissional apto para executar a nova orientação dada ao ensino. Não lhe occorreu a exigencia, nem houve tempo para uma remodelação radical em nossa escola normal.

Seria, porém, injustiça flagrantemente clamorosa desconfiar de extrínsecos serviços prestados por aquelle grande tabalhador pela causa do ensino.

Não obstante a fallencia de material, passou o ensino primario, todavia, por enorme transformação.

Após alguns annos de colapso, mórmente quanto ao ensino normal, onde se deturpou quanto linha sido feito de bom anteriormente, para transformal-o em coisa amorphia, reapareceu com Arthur Bernardes o primario normal, dado por João Pinheiro, largamente agora ampliado pelo sr. Meilo Vianna. Com a breve regulamentação do ensino normal, bem coordinados os seus programas, instauradas as disciplinas escolares de accordo com as nossas necessidades e saltares principios pedagogicos, certamente deixaremos áquelles que nos succederem bases solidas de uma construção grandiosa.

Não se póde negar que os institutos normaes mineiros, apesar de informes, como institutos de ensino profissional, tem contado prestado bom serviço á causa da diffusão da instrução, em geral, e do combate ao alphabetismo. Em particular, mesmo com a deficiencia que se nota no apprendizado ali da lingua patria e da pedagogia applicada. Mas os responsaveis por esta anomalia não são elles, e sim os programas que os submettem, obrigatoriamente, a tales deficiencias.

Pelo regulamento Carvalho Britto, com todas as suas lacunas, a parte referente á pedagogia tinha muito coisa de praticado, de util, de aproveitavel. O que o revogou supprimo do ensino normal o programma pedagogico (?) A esse, succedeu o actual, que já foi grandemente decapitado e... ajuda é um mostroço!

Ora, sem o manejo consciente da lingua patria e desconcom de que a pedagogia é orientada em nossas escolas, como poderá uma normalista coordenar utilmente o ensino primario?

A parte mais provocosa para este ensino, mas tambem a que requer maior apitudo para o desdobramento vantajoso, é, de facto, o ministrado pela intuição. Mas si as nossas normalistas recebem a pedagogia através de pontos decorados nas escolas... Por isso mesmo o ensino intuitivo é, para ellas, escolhido onde naufragam quaesquer applicações pedagogicas que tenham quanto á arte de ensinar.

Sem duvida saberão dar uma definição, por terem-na reldida na memoria, ao se lembrarem do ponto decorado. E a sua applicação pratica?

«A methodo intuitiva se borne pas, diz com muita razão notavel pedagogico, á cete education des sens et par les sens: c'est par la qu'elle commence, sans doute, mais pour se continuer en se généralisant de plus en plus.

En qui consiste la methodo intuitive dans toutes les études primaires, qui ne peuvent borner aux leçons de chiffres?»

En une certaine marche de l'enseignement qui réserve à l'enfant le plaisir et le profil, sinon de la découverte et de la surprise, ce qui serait penitenc trop promettre, au moins de l'initiative et de l'activité intellectuelle.

On peut dire qu'on l'intuit par l'intuition, alors même qu'on ne lui montre ni objects ni images, toutes les fois qu'un lieu de lui faire suivre passivement son maître et réper- ter seulement une leçon toute faite, ou le provoque à chercher, on l'aide à trouver, on le met sur la voie, suivant une vieille et bien juste image, lui laissant ensuite le mérite d'y faire quelques pas de lui-même.

Pelos conceitos acima transcritos mostra o notavel mestre de pedagogia applicada de quanto preparo tecnico, de quanta pratica profissional necessita um professor primario para que possa applicar o methodo intuitivo, no desenvolvimento de intelligencias em formação. E as nocções de sciencias naturaes que nossas normalistas adquiram em institutos de ensino profissional, ser-hes-d' inegavelmente mancipal para as lições de coisas. Ho varias coisas quanto ao manejo da intuição.

No ensino rudimentar de lingua patria tambem se póde empregar, lucrativamente, o methodo intuitivo, como no de geographia e de arithmetica. Mas, mesmo quanto as naturaes applicadas pedagogicas, é necessario que o normalista tenha, para o futuro, um objectivo unico: preparar professores elementares, e não mais magistros de preparatorios.

Juiz de Fóra, 10 — 2 — 25.

ESTEVAM DE OLIVEIRA

## Às creancinhas

(A. DAUBEY)

O' tenas creanças reconhecidas,  
De feições mal definidas,  
De labiinhos semicerrados,  
Corpos sadios,  
Frescos, macios,  
Rosados;

Lirios abertos ha uma hora apenas,  
Quando vos vemos dormir serenas,  
Entresorrindo, — então, com grande

Prazer nos's'alma,  
Fêz e calma,  
Se expande...

Por esses olhos crando á esmo,  
Por vossos sorrisos e choros mesmos,  
Dus cortizados ou nos recamos,  
Por tudo quanto  
Ha em vós e tanto  
Amamos;

Por todos esses doces gorgoleos,  
Sede de bejancas e affagos cheios,  
Rouxir:risinhos sempre vivos;  
Quanta ternura,  
Quanta ventura  
Nos dais!...

Mas sua coisa que falta á estrella  
E é flor mais linda, tendes e, ella  
Faz que no lucto deixeis as cassas  
Amortalhadas!  
Ai! fostes creadas  
Com assas...

Quando no berço tepido e brando  
Dormitais, rindo de quando em quando,  
Algem, um timbre mavioso e bello,  
Vos dai balaiho  
«Dorme, filho;  
Eu véio...»

Do Anjo da gu rda, sempre presente,  
(Dormi, dormi suavemente!)  
E' a voz que em sonhos assim nos fala:  
Sub a ass amiga  
Vos põe e abriga  
E embala.

O' tenas creanças, aves cesteles,  
Ao paraiso, donde nos viesdes,  
Um tenes fio s'agra  
Vos traz ainda  
A alma tam linda  
Tam pura!

Ao lar, ó annos encantadores,  
Fazeis o mesmo que á relva as Flores,  
Ao cío a estrella quando resplende,  
E a agua ao canço  
Tráe e enfermizo  
Que pende.

ARDUINO BOLIVAR

### A Linguagem Afectiva

A um dos colaboradores desta «Revista» foi, ha tempos, dirigida a seguinte consulta:

«Sr. João Massena. — Em um retalho de jornal que junto lhe envio, lê-se uma critica interessante a uns versos de Evaristo da Veiga, versos que desde criança me acostumei a cantar na antiga escola de minha pobre aldeia, julgando que elles estivessem grammaticalmente correctos. Mas chegando agora á cidade, vejo com certo susto que, tanto eu como o meu velho mestre, andavamos enganados. E nem sequer o percebíamos!

Como V. se occupa, ás vezes, destas questões de linguagem, rogo-lhe o obsequio de dizer-me se o critico tem ou não razão? — Anastasio Boavista».

Temos recebido varias consultas deste genero, mas sempre hesitamos em responder porque bem sabemos o quanto é difficil agradar a todos. Discordar sem offender é o mais grave problema que temos encontrado no journalism, porquanto muitos se julgam mortalmente offendidos só pelo simples e innocente facto de verem suas opiniões discutidas ou contraditadas. A morbida hyperesthesia dos escriptores é conhecida e terrivelmente perigosa.

Contudo tentaremos uma resposta, ponho aqui toda a meiguice possível, para ver se ninguem toma por offensa o nosso sincero desejo de esclarecer a quem pergunta.

O alludido retalho de jornal não traz o titulo do artigo nem o nome do autor; mas se não nos falla a memoria, vimos esse escripto ha muito tempo, no *Jornal do Commercio* de Juiz de Fora, assignado por um dos membros da nossa illustre Academia de Letras.

Nessa pagina, o escriptor, quem que quer seja, analysa uma quadra do Hymno da Independencia, que de facto ainda se usa cantar nas escolas primarias e que, como todos sabem, foi composto pelo grande patriota Evaristo da Veiga. A quadra é a seguinte:

«Os grilhões que nos forjava  
«Da perfidia astuto ardi,  
«Houve não mais poderosa;  
«Zombou delles o Brazil!»

Analysando-a, diz o referido critico que a linguagem de taes versos está inteiramente errada, porquanto elle critico não vê a função grammatical ou logica da palavra — *grilhões* —, a qual não é sujeito nem objecto de verbo algum, de modo que o trecho não tem analyse, visto que a primeira oração não se conclue, deixando o sentido incompleto e suspenso.

De facto, ao primeiro olhar e para quem só examina a linguagem collocando-se no estricte ponto de vista das regrinhas grammaticas, o trecho parece errado.

Não entanto está perfectamente certo e o critico, apesar de seus respeitaveis titulos literarios, está enganado e não tem a minima razão.

O seu deploravel engano provém, sem duvida, da falsa suposição em que elle se acha a respeito da boa linguagem, julgando que esta deve estar sem-

pre sujeita a umas tantas regrinhas de grammatica, precisas e infallíveis.

«Falta o verbo que devia corresponder á palavra *grilhões*; — não vejo a função logica desse vocabulo; o trecho não tem analyse regular; logo, conclue o critico, está errado; vou emendá-lo».

E, para não fugir á celebre regra, propõe diversas emendas, todas ellas muito peiores que o soneto.

Mas, felizmente a linguagem não é nem pôde ser geometricamente regular; bem ao contrario disso: as irregularidades, as excepções, as anomalias, os illogismos, formando as chamadas figuras de syntaxe ou, melhor formando a linguagem affectiva, é que constituem a maior parte das belezas literarias. A regularidade grammatical absoluta constitue até uma intoleravel monotonia.

E' talvez por isso que, em geral, os grammaticos, escrevendo certo, escrevem, no entanto, sem estilo, sem energia e sem graça. E é ainda por esse mesmo motivo que as linguas inventadas, como o Esperanto, não podem ter litteratura no sentido artistico da palavra.

Mas convém aqui notar que, quando falamos em irregularidades e illogismos, propositalmente nos collocamos no estreito ponto de vista dos grammaticos formalistas, seguidores de velhas doutrinas. Para nós, as inversões, as anomalias, as figuras ou tropos, são, muito ao contrario, manifestações regulares, naturaes e logicas do pensamento humano, quando na ancia de se fazer facilmente entender, quando no desejo de se exprimir com rapidez e vigor. Aquellas supostas irregularidades e illogismos occorrem constantemente na linguagem falada e constituem processos naturaes e meios próprios para reforçar a expressão; formam a melhor parte daquillo a que se convencionou chamar a linguagem affectiva. O que não é natural, o que é artificial e forçado são as phrases medidas e equilibradas, como geralmente se usam na linguagem litteraria e escripta, phrases feitas a compasso e balança, com seu pesado cortejo de orações principaes e subordinadas, de preposições, conjuncções e adjunctos.

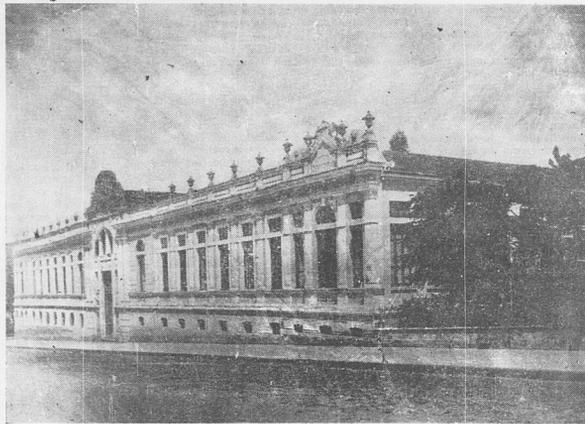
A este proposito diz o notavel linguista J. Vendryes:

«Os elementos que a lingua escripta se esforça por encerrar em um conjunto coherente, apparecem na linguagem affectiva, separados, desuniões, desarticulados: a ordem em que se collocam é inteiramente diversa.

Não é mais a ordem logica da grammatica corrente; é uma orde; a que tem tambem a sua logica, mas uma logica principalmente affectiva, na qual as ideas se ordenam, não segundo as regras objectivas de um raciocinio seguido, mas sim segundo a importancia subjectiva que o individuo que fala lhes dá ou que elle quer suggerir ao seu interlocutor».

Longe pois de ser um erro, o modo considerado irregular e illogico pelo qual Evaristo da Veiga escreveu constitue até uma belleza litteraria.

«Os grilhões que nos forjava  
Da perfidia astuto ardi  
Houve não mais poderosa;  
Zombou delles o Brazil.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco" \*

E' claro e está certo. Esta maneira de construir a phrase se chama — *Anacolutho* — palavra que significa — *sem companheiro*, porque consiste justamente nisto: o escriptor começa uma construção e, a meio caminho, sem terminá-la, sem dar-lhe o *companheiro* que o espirito espera e a grammatica regular exige, abandona tal construção e continúa com outra bem diversa da primeira.

Quem começa a ler aquelles versos naturalmente julga que os *grilhões* serão o sujeito da oração inicial, mas em breve se desillude, porque não lhes acha verbo. Esperava que os *grilhões* fossem cu *fizessem* alguma cousa, porém disso nada acontece, porque o escriptor interrompe bruscamente a construção começada e termina a phrase de outro modo. No entanto o sentido não fica prejudicado e o trecho é clarissimo. Tão claro que o leitor, não sendo grammatico, nem mesmo dá pela estranheza, desse modo de dizer o e recebe como a cousa mais natural deste mundo. O proprio critico não refugiará, se não lvesse o espirito conturbado pelos seus excessivos conhecimentos grammaticas.

E descobrimos assim uma certa vantagem em não saber grammatica ou, pelo menos, em não ser um grammatico de profissão, pois o leitor que so-

mente busque entender, sem se dar ao luxo de analysar, não se envolve nas embaraçosas teias de aranha da grammaticque e não corre o risco de fazer uma critica como este que analysamos, injusta e menos certa.

Eis aqui as diversas definições de *anacolutho* que se acham nas grammaticas:

«E' a figura de syntaxe em que um termo se acha como que solto na phrase sem se ligar syntacticamente a outro».

Outra:

«C'est une tournure de phrase par laquelle ou à: donnee une construction commencée pour en prendre une autre».

Outra ainda:

«... is the lack of grammatical symmetry in a sentence, either through the consequent taking an unexpected form or being altogether suppressed, the writer desiring to present his thoughts in another aspect».

«O *anacolutho* é um dos muitos e variados meios a que a affectividade recorre para se manifestar na estrutura da phrase». Alguns escriptores, no entanto, o consideram como uma especie de ellipse. De facto, pondo-se claras todas as palavras que estão

comentadas nos versos que analisamos, leríamos: *E quanto a os grilhões que nos forjava da perdida astuto ardiu, eu crevi que houve não mais poderosa, pois zombou delles o Brasil.*

Visível que naquella quadra o autor disse tudo isso de um modo mais claro, mais rápido e mais bello, pois as palavras gtyphadas, que regularizam a syntaxe, são, para o sentido, perfeitamente inuteis e até prejudicadas.

Agora, para terminar, vamos mostrar alguns exemplos daquella interessante figura:

Em um poema do celebre Kostand, Christo diz á samaritana:

*Tu dis fort bieca, cr celui qui partage ta couche tu r'es pas sa femme, davantage que tu ne l'as été des cieux autres que des cieux.*

Ou traduzido:

*Dizes muito bem, pois aquelle que partilha teu leito, tu não és sua esposa, como também não foste dos outros cieux.*

As palavras gtyphadas indicam o começo das duas construcções grammaticas diferentes, ou do ponto em que o escriptor abandona bruscamente o plano da phrase começada e, sem conclui-la, continua em outro plano.

Outros exemplos:

«Vós que declarastes a guerra, o sangue derramado cahia sobre vossas cabeças.»

—«Obsco, pallido, inchado e ainda captivo, havia contido certa dignidade em sua pessoa.»

«Mas tu, arvore isolada e anosa, não sei por que nunca te vi florir.»

«Os tres reis orientales que vieram adorar o filho de Deus, e trahião da igreja que era seu prelo.»

«Esse Deus, nosso unico refugio, que será de seus mandamentos»

«Quasi sem nariz, vesgo e da altura de um rapaz de nove annos, não mostrava no rosto ponta de barba.»

«Tu, si os deuses te amam, e occasião de cuidados de seus interesses.»

«Ambal quando esleve na Italia *ninguém* heo resistiu em batalha campal.»

«Horeb tinha um filho, e esse filho, —GOTTAS de seu sangue foram encontradas na areia do deserto.»

Nas linguas portugueza, latina e franceza, dotadas de uma syntaxe bastante precisa e rigida, o anacolutho não é comum na linguagem escripta; é necessario uma longa leitura para se acharem alguns exemplos. Mas na linguagem falada esse modo de dizer ocorre a cada instante e, si o nosso critico não o viu, foi porque nas classes não se usa analysar senão o que se lê.

Si algum mestre dissesse:

«Um menino docil, dá-se-lhe tudo o que elle quer.» e o nosso grammatico o ouvisse... pobre mestre! Não entendo estaria certo.

Autores que temos á vista affirmam que na lingua ingleza o anacolutho é communissimo, mesmo na linguagem escripta, facto que infelizmente ainda não tivemos o tempo necessario para verificar.

Damos aqui um exemplo de uma outra forma ainda mais ousada dessa figura curiosa. Encontra-

se na traducção ingleza do Evangelho de S. Lucas, par. v. vers. 14:

«And Jesus charged him to tell no man: but show thyself to the priest.»

Traduzido ao pé da letra:

«E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguém:

*mas que e mostra-te ao sacerdote...*

A forma regular seria: «E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguém; mas que fosse e se mostrasse ao sacerdote.»

Mesmo em portuguez não se poderia taxar de errada aquella primeira forma, exactamente eada sobre o inglez; mas em geral os traductores da Biblia têm achado incorrecto ou aspero um tal modo de dizer e, caua qual a seu modo, procurou destruir o anacolutho, figura que provavelmente já estava no original grego, como bem se pôde perceber através da traducção latina, feita por S. Jeronymo, que diz assim:

«Ise vero mandavit ei ut nulli hoc diceret; sed profectus, inquit, ostende te ipsum sacerdoti.»

A palavra gtyphada foi acrescentada pelo traductor para regularizar a syntaxe.

Ferreira de Almeida, na traducção portugueza, tambem procedeu de um modo analogo, dividindo a phrase em duas e intercalando as palavras extranhas ao original que são gtyphadas.

«E Jesus ordenou-lhe que não dissesse nada a ninguém.»

Porém *vue, disse ellz*, e mostra-te ao sacerdote. A phrase lucrrou em regularidade; mas pouco adiantou quanto á clareza.

Donde se vê que a excessiva preocupação grammatical só serve para tirar a liberdade ás linguas e pode fazer pedantes, mas não forma escriptores. Porque ser entendido e impressionar são os fins supremos de quem fala ou escreve; pouco importa que sua linguagem se sujeite ou não ao compasso e á regoa dos analysas.

Parece-nos, pois, que o nosso consulente deve estar satisfeito, porque, sem o menor medo de errar em portuguez, pode continuar a contar os seus patrióticos versinhos, como ingenuamente o fazia na saudosa escola de sua aldeia.

J. MASSENA  
Da Academia Mineira de Letras.

EDIFICIO ESCOLAR

Um dos obstaculos materias á diffusão official do ensino primario é o predio escolar classico, ainda hoje exigido para as aulas custeadas pelos governos do paiz, mais grado os ensinamentos da biologia.

Quando os regulamentos do ensino exallam jardins e areas arborizadas, cogitam mais do espaço para o recreio; que o exercicio intellectual reclama para os petizes tantas horas empadoadas em salas de escasso arjamento não obstante suas dimensões e vãos.

A vida escolar, vivendo-a as crianças mais nas salas de aulas que nos pateos de recreio por força dos programas ou, melhor, das necessidades intellectuaes e moraes das mesmas, as quaes necessidades deve a escola satisfazer em curto tempo — urge interir essa deficient recreação compulsoria, *extra-muros*, de que usuarialmente gosam, com o maximo de recreação natural, continua, instintiva, restauradora, *infra-muros*, permitida generosamente pelas aulas ao ar livre. Essa recreação biologica a cada instante tem importancia inestimavel por não sacrificar nada ao brilho das intelligencias. Somente o meio puro consonante o ar e a luz, factores vitales de primeira necessidade, pode abonar maior permanencia nas salas de aulas sem prejuizo da integridade desajvel do ser humano que vem evoluindo no exercicio.

Todos sabem que nossas escolas publicas e particulares têm, geralmente, vastas salas de aulas povoadas de numero amplemente eficaz de vãos para accesso de ar e luz. Ninguém o contesta, mas o mestre observador e sincero é forçado a confessar que, ao cabo de uma hora de aula, já sente no ambiente algo a denunciar corrupção no ar.

Uma vez que o objectivo da escola é receber vidas em evolução no intuito de lhes amparar racionalmente esta, e de as preparar com as lousquellas das virtudes moraes e intellectuaes, mister é que se aperceba das condições hygienico-pedagogicas conducentes ao nobre fim colligado. Sob esse ponto de vista é a escola função de dois factores capitais: meio physico propicio á vida e meio intellectual conforme os ditames da pedagogia moderna bem assimilada.

Ninguém abre discussão attinente á primazia do primeiro na escola, logo nossas aulas deviam ser dadas em toscos pavilhões de madeira ou em barracas de lona, em grandes areas arborizadas ou arborizaveis, acariadas pelas brisas que destroem os miasmas e os microbios, ao passo que nutrem o homem, e banhadas pelas ondas de luz que estimulam maravilhosamente a vida.

Assim cessará ou reduzir-se-á ao minimo a fadiga intellectual na escola e o risco biologico que correm esses organismos delicados, ainda hoje enclosurados nos classicos salões mal cheirosos de nossas escolas bonitas.

Vencerão essa etapa humanitaria os governos do paiz si collocarem a escola publica nos confins da zona urbana, onde não rareiam excellentes terrenos de preços modicos. Ali as aulas serão dadas em modestos pavilhões de madeira ou barracas de lona, no interesse proximo da saúde e da intelligencia das crianças, e não do remido do vigor da raça. Demais lucrarão com tal medida as classes pobres que a angustia da vida recua para ali; lucrarão moralmente os governos do paiz pelo acerto do passo biologico, e economicamente pela consideravel diminuição das despesas que lhes darão margem á multiplicação das escolas publicas.

Quando custa a nossos governos cada palacio escolar?

Seu elevado custo não lhes tolhe a disseminação do ensino primario?

E' a hygiene escolar que reclama tamanho absurdo?

Deve o predio escolar continuar a onerar o problema da alphabetização do Brasil?

OSWALDO VELLOSO



ALUMNOS INDIGENTES

Sahira muito cedinho aquella pequenita para o grupo escolar, onde as aulas começam ás sete horas. Vindo de casa, na Barraoa, distante dõs kilometros, descalça, palhando a lama, surprehendeu-a, em caminho, uma chuva medda e teimosa. Nem pensou em voltar, por ser das mais assiduas, e aquelle era o dia de concurso de arithmetica.

Seriam quasi onze horas quando a sua professora a viu empalidecer, e resvalar pesadamente, desmaiada, da carteira para o chão. Logo carregada para o gabinete da directora, e deitada no sofá, dir-se-ia uma defunctinha, esperrando o seu caixão... Reanimada pela aspiração do ether, com o olhar meio turbado ainda, a menina explicou a causa do seu desmaio, com este santo comovimento impudor, que, na inconsciencia da idade, tem as crianças pela sua nudez e pela sua miseria.

Na pequena «caféa» onde residem a mãe, viúva, e tres irmaõsinhos, ainda menores do que ella, ha muito não se sabe o que sejam o assucar, o café, a banha, o arroz... Contou, sem vexame, que na vespereira tinha ido ao Mercado, com uma pequena moeda de quinhentos réis, para comprar tres tostões de banha e dois de batatas. Vendeu-lhe algumas o negociante, e explicou á menina que não podia fazer somente trescentos réis de banha, pois mal dariam para encher uma colher de sopa, tal o seu preço. E a pequena indigente, tão habituada á dura miseria, disse ao homem:—Não faz mal, não sei fazer. A mãe está prestando a fazer, e a minha comida mesmo sem isso; e a gente mal a fome assim mesmo.—Antes de ir para o grupo, ao amanhecer nesse dia, tinha bebido somente uns gulos d'agua quente, sem assucar.

Porque não dizel-o? Causou-me a noticia dessa de mal com a minha consciencia, si lhe não desse publicidade, si me não affoiasse a externar o meu modo de pensar sobre os meios de darmos o bom combate a tanta miseria e penuria.

O Estado dá o pão do espirito, que é a instrução. De o povo, de á caridade, neste periodo tão angustioso, não dá do corpo, a assistencia que mata a fome, e as roupinhas, que abriguem as crianças da chuva inclemente, e do frio cortante, a que vae seguir este inverno.

Na quasi totalidade das povoações maiores da nossa terra, o visitante é mostrado que a má de mais interessante e digno de mostrar;—o seu grupo

escolar, onde elle observa tamanha dedicacão das professoras e tanta miseria na maior parte dos alumnos, mal vestidos, descalços, mal alimentados, vivendo no meio da mais completa indifferença de quasi todos, e, ainda assim, revelando a inconsciente alegria da infancia, quando vão tão mal trajadinhos, e essas encantadoras festas, da Arvore, da Bandeira e outras.

No tocante ao interesse, ao carinho de outros paizes pela saúde das creanças, o contraste é uma severa lição, em que devemos reflectir, um exemplo que devemos procurar imitar, embora de longe.

Na Hollanda, por exemplo, dá-se no começo das férias escolares o que poder-se-ia denominar a "trahita" de meninos, mais franzinos, mais debeis. O humo que mora na cidade, a beira mar, é levado para uma casa de bons camponezes, e o filho desce em passar as férias na casa do outro. Claro é que as mães se esmeram em tratar optimamente o seu pequeno hospede, sabendo que o mesmo se dá com seu filho, na casa onde está.

O Estado concede passagens nos caminhos de ferro a esses meninos e meninas, que seguem em carros reservados, paternalmente vigiados pelo che-

fe de trem, que vai examinando nos bilhetes, presos na fita do gorro ou do chapoezinho, qual a estação onde te n de desembarcar cada um, já esperando pela familia hospedeira, com risosna curiosidade e solicitude.

Aquella deliciosa villégiatura, o repouso de dois mezes de férias, produz, naturalmente, o mais salutar, o mais agradável resultado. O menino que volta da cidade á casa paterna, no campo, tomou os tonificantes banhos de mar, civilizou-se, aprendeu e viu muita coisa, poliu-se um tanto ou quanto n aquelle ambiente, no rumoroso centro de trabalho e de civilização.

O que volta para a cidade, depois de passar esse tempo n uma casa rustica, tranquilla, á beira do canal, onde a agua faz girar os grandes pás dos moinhos, encravada em meio da planície coberta na primavera da alta herva para o gado, esse tambem ganhou forças, tonificou o franzo organismo, repousou o espirito para proseguir no estudo, — embora lhe possa perturbar o encanto dessas recordações — a lembrança da queda, que lhe causaram os corcovos do bezerro, ou da mardrada cruel d um carneiro, mesmo manso, e que lhe confundiu os cas-

teilas, em meio da surriada dos novos amiguinhos campones.

E por sua vez o velho camponha ha de sentir saudades daquell menino, debil e anemico, quando á noite, com os pés enterrados nos tamancos fortes de madeira, o cachimbo esquecido na bocca, se recordar do pequeno hospede, que, pela manhã, o ajudava a ordenhar as vacas, tão mansas, malhadas de um preto luzidio.

Seja-me desculpada uma certa dose de vaidade em contar ao leitor benevolente que não é de hoje que procuro auxiliar essa profunda, essa lastimavel e deprimente miseria que se observa nas crianças que estudam na escola mineira.

Ha quarenta e dois annos, sendo eu deputado provincial, (o mais moço e o mais atrasado), apresentei um projecto, a 8 de agosto de 1882, creando o fundo escolar, destinado a combater a indigencia nas escolas, por meio do producto de alguns impostos, que me pareciam facies de cobrança sem vexame. Entre essas figurava o de transmissão *causa mortis*, na razão de mil réis por conto.

Passo o projecto; mas, posteriormente, o poder legislativo incorporou á renda geral da provincia o imposto sobre heranças; fez com a indigencia dos nossos patriciosinhos o negocio, a que o povo chama do ladino com o bobo. E esse imposto foi augmentando por tal forma, que no anno de 1923 rendeu a importancia de 2.711.116\$812. Este anno deve ser, provavelmente, de quatro mil contos de réis.

Consola e anima ver o interesse que, nestes ultimos tempos, tem dispensado o nosso governo á causa do ensino.

Frequentemente, em tantas povoações, é o grupo escolar o melhor edificio da localidade, onde centenas e centenas de meninos se educam, de modo que conforta e alenta o nosso espirito; mas o governo não pode, sem o auxilio do povo, dar prompto remedio da tamanha miseria, porque nem com o deducto do que pode despendir em cada anno poderia cuidar da assistencia medica, da assistencia dentaria, e providenciar sobre tantas medidas uteis e necessarias.

Ao menino pobre deu o Estado a escola, a professora sollicita, o livro. Procura imprimir nessa misão o maior interesse, o mais carinhoso desvelo, separando grande parte das rendas publicas para abrir uma aula, em toda parte onde haja sufficiente numero de creancinhas. Cumpre que os particulares tomem parte activa nesta santa misão, de combater energeticamente, christamente, a formidavel e densa camada de analfabetismo que nos humilha e consterna.

Tudo presta a quem de tudo precisa. Um par de velhos sapatinhos não serviria para o pequeno luxur no Bosque de Bolonha, ou na Avenida Central, porém, serve para agasalhar da humidade e muita doenca. Uns metros de fazenda bastam para o uniforme, para os dias festivos no grupo; umas roupinhas usadas, limpinhas, agasalham o menino que vai á aula quasi tão rasgado, maltrapilho, como um mendigo de porta de igreja, ou de beira de estrada, que ainda é mais esfarrapado.

Os paes de familia bem poderiam auxiliar o desenvolvimento da escola primaria, inscrevendo-se como socios contribuintes das utilissimas caixas escolares. Os mais abastados, os mais generosos bem podiam não limitar a mesquinha mentalidade á sua contribuição, e, abastados, poderiam reflectirem sobre o destino do seu auxilio, ceder um pouco do que lhes sobeja em favor dos meninos indigentes. Quando lhes abocetva realizar um negocio muito rendoso, emboacotava a realizar uma pequena contribuição, com a boa vontade da viuva do Evangelho, que foi levar de boa feição o seu obulio.

Quanto ás mães de familia mais abastadas, basta-lhesia ceder á nuda das creanças toda a roupa nha bastante usada, dos proprios filhos, como fazem já algumas distintas senhoras, desta Capital. Estou adivinhando que o maior embaraço está no vexame n rural, em mandar ao grupo escolar o embrulho de roupa velha; porém, ha muitos meios de fazerem essa esmola sem que todos venham a sabel-o. A porteira, a servente do grupo, a professora podem ser as intermediarias dessa esmola, tanto mais valiosa, quanto mais escondida. Si em cada grupo escolar deste Estado houver dez alumnos assim favorecidos, podemos dizer que a ideia está em marcha, que uma nova mola foi posta no aparelho, que a assistencia particular começa a prestar seus bons servios. Tudo está em preparar, porque algumas innovações, ainda parecendo muito facies na pratica, são de crescimento muito demorado, como as madeiras de lei.

Muita gente limita a sua actividade, em materia de bem fazer, a comer-se, a lastimar, como si isso dêsse roupa a quem está quasi nã, alimentado a quem está quasi morrendo á fome. E' o egotismo querendo fingir de carid-de.

Isso faz lembrar um caso historico, que tem muita applicação.

Uma tarde, quando a rainha de Hespanha passava de carro nas cercanias de Madrid, foi surpreendida por forte vendaval, e teve que procurar abrigo num convento de freiras. Mostrou-se profundamente condoida da indigencia que alli havia em tudo e que as freiras aceitavam resignadas como penitencia.

Nem uma acha de lenha para as aquecer do frio intenso, nem um pedaço de pão menos duro com que engantar fome velha.

Carinhosamente, a soberana disse á irmã superiora que fosse a placio, no dia seguinte, para receber os auxilios que pretendia dar ao convento.

A veneravel monja, sob um frio cortante, debaixo das rajadas de neve, compareceu no palacio, onde a recebeu sua majestade a rainha sentada junto a um esplendido fogão, em que ardiam grandes toças de madeira e agasalhada por pelissa soberba, que lhe cobria quasi todo o corpo.

E quando a pobre freira, humildemente, lhe falou na sua promessa, replicou a rainha, com a maior naturalidade: — Mas, não ha pressa nisso, não é verdade? Agora a temperatura está tão agradável!...

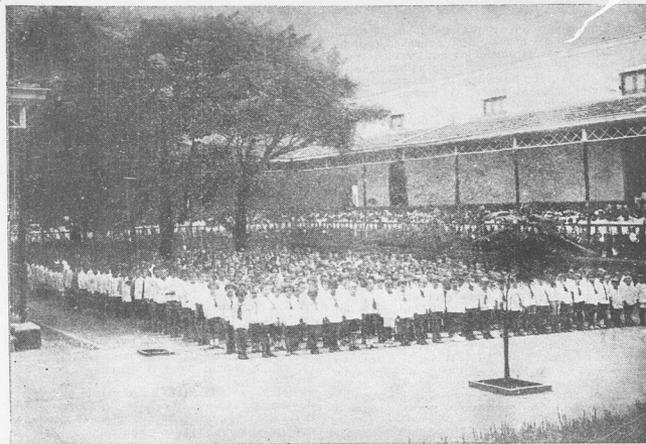
E' de se esperar que não seja muito seguido exemplo tão baixo, embora cahindo de tão alto!...

GUSTAVO PENNA.

Bello Horizonte, fevereiro 13.

Corpo docente do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"





Grupo Escolar "Barão do Rio Branco"

## Arvore do Bem

..... E a arvore amiga  
 Dos homens ao destino o seu destino liga:  
 E, erguendo ao ar a cuspidê benficta,  
 Fornece, carinhosa e maternal,  
 A' creança innocente o berço em que dormita,  
 Ao homem já crescido o tecto em que se abriga  
 E, no passo final,  
 Aos despojos do morto,  
 Ella fornece o bergamim funereo,  
 Onda elle embarca, demandando o porto  
 Do supremo mysterio!

E, dess'arte, uma arvore, na existencia  
 Do homem, figura como a Providencia.

Mas, vós, que sois espiritos argutos,  
 Iluminada pela sã razão,

Bem sabeis que uma arvore mais formosa  
 E que produz bem mais formosos fructos,  
 Nasce da preciosa,  
 Da benficta semente, da Instrucção.

Santa Arvore do Bem, que em si encerra,  
 Por sobre os galhos seus mil rutilos tropicos  
 E que, tendo a raiz mergulhada na terra,  
 Vai, formosa, espalmar a folhagem nos Céus!

Seja mão dedicada a mão que houver  
 De dar' todo amor, que ella requer  
 E essa arvore sublime  
 Que, como o bom Jesus, alma redime,  
 Dos pomos mais formosos guilandinada,  
 Ha de, garbosa, para o céo profunde,  
 Erguer a sua fronde immaculada,  
 Célula de ótes, illuminando o mundo.

Dendo Ernesto Junior.

## GONZAGA

Seu papel na Inconfidência

(LUCIO JOSÉ DOS SANTOS)

A figura talvez mais discutida na Inconfidência Mineira é a do desembargador Thomaz Antonio Gonzaga, o mafioso Diceu.

A 22 de maio de 1789, pela manhã, uma escolta sob o commando do Tenente Coronel Francisco Antonio de bello Algemado, montada em um cavallo que um soldado puxava á dextra, foi Gonzaga conduzido ao Rio.

Diás antes procurara o roseta aressar o seu casamento e refrearse para a Bahia. Como demonstrar a licenciosidade do Reino, resolveu requerer dispensa ao Governador.

Além disso, foi a Marianna com o fim de tratar dos necessarios papéis.

Chegada á noticia da prisão de Tiradentes no Rio e dado o alarma em Villa Rica, foi o desembargador visitado por muitos amigos, os quaes, sabendo estar o mesmo em cuido na denuncia, bastante afflicto se mostravam.

A todos procurava Gonzaga tranquilisar, e, ainda na noite de 21, affirmava estar tão despreocupado que ia comprar uma ode.

Na manhã seguinte, muito cedo ainda, estava sua casa cercada de soldados.

A essa mesma hora, outra escolta, commandada pelo Tenente Coronel Antonio Xavier de Rozendo, prendia o S. José. O pobre velho, enfermo, quasi paralytico, foi transportado á formidavel cadeia de Villa Rica e posto incommunicavel.

Chegando ao Rio, foi Gonzaga mettido num dos carceres da fortaleza da ilha das Cobras, onde o interrogaram pela primeira vez a 17 de novembro de 1789.

Continuou o interrogatorio a 3 de fevereiro de 1790, sendo o seu acareado com o Conego Luiz Vieira, o Pe. Carlos Correa de Toledo e Mello e o Tenente Coronel Ignacio José de Alvarenga.

A's 8 horas da manhã do dia 18 da abril de 1792, reunie-se a Alçada em Relação extraordinaria, sob a presidencia do Vice-Rei e com a presença de todos os seus membros para ouvir a sentença, consumindo nessa tarefa 18 horas! A's 2 panos da madrugada do dia 19, Quinta-feira, foi assignada a cen á sala do Oratorio, onde estavam reunidos os seus, com excepção dos ecclesiasticos, para ler a sentença. Apesar de rapida e não interrompida, gestou a leitura duas horas.

Por essa sentença, era Gonzaga condemnado a exilio perpetuo em Pedras de Anechoe na Africa. Embargando com outros a sentença, obteve por accordo de 2 de Maio de 1792, a redução do exilio a dez annos, em Mocambique. Houve, segundo os embargos, que foram desprezados a 9 do mesmo mez.

A 22 de Maio, na fragata «Nossa Senhora da Conceição Princesa de Portugal», seguiu Gonzaga para Mocambique, despois D. Juliana de Souza Mascarenhas, á qual ficara muito reconhecido por o haver tratado, na sua molestia, com grande carinho.

Nos seus ultimos annos, soffreu alguma alienação mental, vindo a fallecer em 1807.

O coniarado sobreveio até 1841, conselheiro José de Rezende Costa, á da respeito de Gonzaga, um pouco obscuramente: Casou-se com D. Juliana, senhora bastante rica; nos ultimos annos de vida soffreu alguma alienação de espirito, talvez pelos demandos e prodigalidades da mulher que o reduziu á maior pobreza.

(Continua)

## Cousas de instrucção

I  
 INFREQUENCIA NAS ESCOLAS

A meritória campanha da desanalfabetização do paiz, tarefa grandiosa de cunho caritativo e patriótico, ha, sempre, defrontado, contrapondo-se violentemente a sua acção, um obice grandissimo na criminoso indifferença, no revoltante descaço dos paes pela cultura dos filhos.

Si é certo que o pauperismo — tão e tão expansivamente, asserborando, como floração damnhina, a massa popular, — é empecilho poderoso á frequencia das creanças á escola, de incontestavel certeza tambem é que muito pequenino ser, na phase de abrir os olhos á luz vivificante da instrucção, deixa de o fazer, menos pelo seu retraimento natural do que pela influencia nociva dos paes e educadores, aos quaes não impressionam, nem levemente, mesmo, a indolencia e o amor á vagabundagem por parte de seus filhos e pupilloz, sendo muitos delles mesmo os causadores da infrequencia das creanças nas escolas com as afastarem do ensino para os serviços domesticos ou para a faina da cultura dos campos.

A inspecção official tem isso mesmo constatado, registrando, frequentemente, o facto nas informações prestadas á Direcçtoria da Instrucção.

E' notavel o numero de creanças, que, matriculadas á sollicitaçõ dos paes, abertas as aulas, a estas jamais comparecem. Ha, tambem, prejudicando o progresso do ensino ministrado, a alteraçã da frequencia, de resultados tão nocivos como a propria infrequencia.

Feizmente, o actual codigo de ensino estadual, bem a peio tomado a sollicitã do problema da infrequencia, estatuiu disposições rigorosas, objectivando a eliminacão do mal, dando, assim, grande exdessorate, á instrucção popular entre nós, ampliando, dess'arte, grandemente, e clarificando os governos, desejosos de bem governar, procuraram com carinho abrir na selva cerrada do analfabetismo nacional.

Depende o successo do tentamen da positivação da obrigatoriedade do ensino, fazendo-a sahir das laudas do Regulamento para a vida da acção.

A administração desenvolve o melhor do seu esforço neste sentido, estando tomadas as providencias precisas para que a benemerita e dignificante empreitada se corra do mais brilhante dos exitos.

De justiça, força era que á obrigaçã, que se impõe á massa popular, seguisse parallela a assistencia que mister se faz. Não se descurou desse ponto a vista sollicita da administração, solicitando, para esse fim, o concurso das municipalidades, alargando a verba dos fornecimentos e promovendo, por todos os modos, a prosperidade das caixas escolares.

Faz-se preciso, prêm, que aos benemeritos gestos do poder publico se venha unir a acção patriótica dos particulares, numa propaganda intelligente e tenaz entre as camadas populares, no neces-

so dos lares, junto dos pais e educadores em prol da frequência das nossas escolas.

Assim, é bem de esperar que a obra grandiosa da desanalfabetização da terra mineira floresça exuberante e se desentranhe nos mais formosos fructos.

Minas, 1925.

Bento Ernesto Junior.



## CULTIVO DE UMA ESPECIALIDADE

O aparelho mais aperfeiçoado do ensino primário é o grupo escolar. A sua organização pôde abranger todas as modalidades do referido ensino, e porque este constitue a principal instrução ministrada ao povo, é de inteira conveniência, para o progresso nacional, que aquelle aparelho educacional ofereça aos alumnos bastantes oportunidades para despertar-lhes as vocações.

As exigencias da vida moderna, providas em parte do grande desenvolvimento industrial, estão impondo-nos o cultivo de especialidades dentro da generalidade de instrução popular. Ao ensinar a ler, escrever e contar já se incorporaram outras materias, entre as quaes se incluem os trabalhos manuaes. Estamos a caminho do ensino tecnico, e a palavra "trabalho", si bem seja das mais antigas, ah! reponta, sempre nova como o sol, a illuminar-nos a estrada do futuro com a sua luz inextinguivel.

O grupo escolar tem que adaptar-se ás exigencias da actualidade afim de poder orientar-se. Elle, que é a escola moderna, tem de ser eficiente, e para esse fim ha de infundir em seu trabalho as qualidades essenciaes ao trabalho da vida, isto é, o methodo e a energia.

Cada professor que prega devéras a sua profissão, sem grande difficuldades conseguirá dar ao ensino energia e methodo. Aguarda, por essa forma, elle ser fartamente compensado com a satisfação do dever cumprido e com o apreço da sociedade.

Não basta, porém, contentar-se com a generalidade da proissão. O magisterio primario é construtor da base do edificio social. Sobre essa base ha de o povo levantar o edificio da grandezza da Patria. Esse edificio requer em sua estrutura trabalhos especiaes. Dahi, despertar desde a escola primaria as vocações para esta ou aquella especialidade.

Um exemplo entre muitos outros. Ha annos, lembrei-me de ensinar escriptura mercantil a alguns alumnos do grupo escolar, e eis que, no fim de certo tempo, convenci-me de não estarem elles aprendendo nada, devido a seu pouco desenvolvimento. Puro engano de minha parte. De repente em alguns da classe a sua vocação, e elleis tornaram-se mais tarde, pelo proprio esforço, habéis gortuários e vros.

Posso hoje, baseado em minhas observações, aconselhar aos professores e ás professoras o cultivo de uma especialidade dentro de sua nobilissima carreira. Uma especialidade é apresentação de primeira ordem, é garantia para collocar-se no magisterio, é incentivo para aperfeiçoar todo o ensino.

Os professores de grupo escolar, desde que se especializem em alguns dos trabalhos da escola, transformam-se em instituto de educação. Uns professores irão mostrando sua especialidade aos outros, e todos elleis acabarão por ficar conhecedores de sua proissão. Os casos didacticos serão todos acertadamente resolvidos com tão ponderosa cooperação do corpo docente.

Sem deter-me em longas considerações, eu me animo a propor as seguintes especialidades, todas ellas vantajosas ao trabalho educativo:

- I. Calligraphia, desenho e cartographia.
- II. Trabalhos manuaes, conforme o programma.
- III. Costura e bordado.
- IV. Jogos e exercicios physicos.
- V. Festas e hymnos escolares.
- VI. Hygiene e assistencia escolar.
- VII. Jardinagem e horticultura.
- VIII. Museu e bibliotheca.
- IX. Arte culinaria e confeitaria de doces.
- X. Trabalhos de modelagem.
- XI. Escripção mercantil e dactylographia.
- XII. Estudo de lingua patria.

Com um pouco de esforço e boa vontade, as professoras, pois estão em maioria, é tem que se use o genero feminino), as professoras poderão cultivar as especialidades indicadas.

Os paes que não conseguem ver nos conhecimentos geraes as conveniências particulares dos filhos, verão nas especialidades taes conveniencias, visto que cada uma dellas constitue por si mesma um meio de vida. A frequência escolar tornar-se-á naturalmente espontanea, e a união entre a escola e a familia far-se-á mais íntima.

A especialidade mais facilmente levará a professora ao estudo, e ella, querendo sobrehair como especialista, cobrárá novo estímulo para melhorar todo seu trabalho.

Conforme se vê, o cultivo de uma especialidade por parte da professora é mais uma condição para o aperfeiçoamento do trabalho educativo.

FIRMINO COSTA



## OS METODOS NOVOS NO ENSINO PRIMARIO

A EXPERIENCIA DOS TESTS - LULA S. FERREIRA

"Querendo estar em dia com os progressos da pedagogia, para maior proveito da instrução disseminada no Estado,"— consante assignalou, em recente entrevista á imprensa, o sr. presidente Mello Vianna—o governo resolveu chamar a isto, homem

culto e conhecedor da materia, afim de realizar para o nosso professorado algumas conferencias e aulas sobre os methodos tests, que os americanos do norte acabam de adoptar nas suas casas de ensino. Trata-se de uma novidade, a que o illustre homem de letras dr. Medeiros e Albuquerque dedicará um volume de 170 paginas, e novidade victoriosa num paiz de civilização requintada.

Um Estado que préza de cuidar, com real carinho, das coisas de ensino, dependendo com elle uma boa parte das suas rendas, precisava sem duvida de conhecer a nota nova, ao menos para conhecê-la e debetá-la.

Com esse intuito, e obedecendo ás idéas do sr. presidente do Estado, o sr. dr. Sandoval Azevedo, secretario do Interior, fez o convite ao professor Baker, que a esta capital chegou em principios de Fevereiro e nesse mez realizou o trabalho, que lhe determinára a viajem: Fez diversas conferencias e deu diversas aulas practicas, no edificio da Escola Normal Modelo.

As primeiras tiveram a presença, não só das altas autoridades administrativas do ensino, mas das directoras e professoras dos grupos escolares e escolas infantis. O conferenciista desenvolveu, para esse auditorio, uma exposicão sobre a materia, commentando os auctores, explicando os tests, dando-lhes a evolução, exhibindo as criticas e os applausos que o assumpto provocou.

As aulas practicas, justamente para terem um effecto pratico, realizou-as o professor Baker para um auditorio menor, que se compunha apenas das autoridades administrativas, das directoras dos grupos e de uma professora de cada um desses estabelecimentos na capital.

Nessas aulas realizaram-se experiencias varias, fizeram-se applicões diversas e todos se empenharam vivamente, no sentido de verificar-se a utilidade e verdadeira, a vantagem real dos novos methodos.

Foi um alvoroço no seio do professorado de Belo Horizonte, alvoroço de quem ventila, estuda e indaga o assumpto e que, por isso mesmo, não deve passar calado nas columnas desta Revista. Esse interesse transpoz, em pouco, os limites da nossa capital. Muitos jornaes do interior reproduziram e commentaram noticias sobre o movimento que se fazia, tendo mesmo se referido eloquiosamente á iniciativa em boa hora tomada pelos dirigentes do ensino.

As experiencias do professor Baker versaram sobre os tests de leitura oral, sobre os tests de leitura mental e depois sobre os tests de intelligencia.

Não nós é possível, nesta noticia, que é apenas um registro, dar descripção clara e completa sobre o que foram as aulas practicas do professor Baker. Ao que elle explicou e levou a experiencias, os leitores farão um juizo pelas notas que a seguir publicamos:

1.º) Aulas de tests de leitura oral: E'uma prova individual. O alumno lê em voz alta uma serie de trechos, na ordem crescente de difficuldade. Em seguida, responde por escripto as tres perguntas formuladas sobre cada trecho, sem ter este

em vista. Notam-se: o tempo de leitura e as respostas, os erros commetidos na leitura e nas respostas.

Obtem-se, assim, o numero de palavras lidas por minuto, uma nota quanto aos erros na leitura e outra quanto aos erros nas respostas.

Faz-se, então, a classificação do alumno e, depois, a da turma.

2.º) Aula de tests de leitura mental: E'uma prova collectiva.

Os alumnos da turma recebem um papel contendo uma serie de trechos de difficuldade crescente, seguindo cada trecho de tres perguntas. O alumno vai lendo mentalmente os trechos e escrevendo as respostas. No fim de 30 minutos, cessa a prova. Dão-se as notas aos alumnos, determinando-se, para cada um, o que se chama idade de leitura (em mezes). Dividido esse numero pela idade do alumno (em mezes), obtem-se o *quociente de leitura*, que servirá á classificação do alumno.

3.º) Aulas dos tests de intelligencia.

Trata-se de uma prova individual. A creança é submetida a uma série de perguntas extremamente variadas, sobre assumptos que lhe são familiares, calculos mentaes, reprodução de desenhos simples, que lhe são rapidamente mostrados, explicação de scenas representadas em quadros, interpretação de pequenos contos, que lhe são narrados, correctão de trechos que lhe são apresentados, etc.

Por meio de notas dadas a essas respostas, obtem-se a idade mental da creança que, dividida pela idade chronologica, dá o *quociente mental*, que serve para a classificação.

Como o trabalho realizado nessas aulas e conferencias, ficaram os professores da capital em contacto com uma conquista recente da pedagogia, que será dentro em pouco em todo o Estado ventilada e debattida.

O interesse pelo assumpto—como assignalamos acima—não se circumscreveu a Belo Horizonte. Juiz de Fóra reclamou, por intermedio do director dos Grupos Centraes, a presença do professor Baker, que para lá seguiu, depois de haver levado a termo, nesta capital, um trabalho de que se não pôde negar o alcance.

Registrando-o, esta Revista chama para o assumpto a attenção dos professores, afim de que acompanhem as publicações sobre a materia e deem assigna uma prova de que prezam ao ensino e á sua propria cultura.

—Antes de partir, deixou o professor Baker na Redacção da Minas Geraes estas linhas:

"Ao deixar esta adeantada e hospitaliera cidade, depois de iniciar o movimento dos tests, por meio de umas humildes palestras e obras, sinto-me constrangido de sentimentos de apreço pelo bom alinhamento que recebi.

Espero que o trabalho mal começado seja um meio de levar as professoras e directores da instrução para um estudo mais desenvolvido e científico do ensino; que os tests venham servir para me-

lhor classificação dos alumnos e estudos, uma vez estabelecidos os tests.

Talvez em outra ocasião possa completar o movimento e iniciar os tests de arithmetica, e *mentimeteras* collectivos de intelligencia.

Outra vez agradeço a todos que tão bondosamente cooperaram para o successo deste esforço. —C. A. Baker.

## MOVIMENTO ESCOLAR

Temos o prazer de publicar, logo abaixo, na integra e fielmente, duas provas escriptas de lingua patria e historia do Brasil, feitas, a 1.ª, por uma alumna do 4.º anno; e a 2.ª, por uma pequena, do 1.º anno do Grupo Escolar "Barão do Rio Branco" da Capital, deprehendendo-se da leitura dellas, a proficiencia e aptidão didactica das professoras desse estabelecimento de ensino primario.

### OS TAMANQUINHOS DE NARCISO

(CONTO DE NATAL)

Redacção.

Era vespera do Natal.

Pelas ruas de uma cidade de França, caminhava uma pobre criança. Tinha as mãos frias e roxas de frio. Andará sete quartões, quasi uma rua e ainda não chegará á Escola, para onde ia. Era tão longe! E ainda tinha de andar tanto!

Chamava-se Narciso e era um orphão. Perdera seus paes, quando tinha cinco annos.

Desde então, vivia com sua tia, uma velha gananciosa e má, que o maltratava.

Hablabam uma casa suja e triste, numa rua escura e deserta.

Não porque a tia de Narciso fosse pobre; dinheiro tinha ella muito, guardado numa velha arca. Mas era avara e não queria despendê-lo...

Vivia por isso, miseravelmente. Narciso tinha sete annos e parecia ter cinco. Sus roupas eram velhas e rasgadas. Calçava grossas meias e ainda mais grosseiros tamancos.

A neve cahia em grossos flocos e Narciso tirava.

Passou em frente duma vitrine, onde reluziam, entre focos de luzes, vitrosos brinquedos, pacotes de balas, grandes arvores de Natal, carregadas de nozes douradas e velinhas multicores...

Quiz parar, para admirar tudo aquilo e, embora sua tia não estivesse alli, teve medo que ella o visse e o ralhasse, chamando-o vadio...

Crianças passavam alegremente, carregadas de brinquedos, sem duvida, para as arvores de Natal, que as boas mães, carinhosamente, armavam para seus filhinhos.

E Narciso pensava em sua mãezinha, que tantas vezes o embalára nos braços!...

Lembrava-se do dia em que a levaram, num grande caixão negro!... Bem quizera ir ter com ella, o pobresinho!...

Chegou, enfim, á Escola.

Como era dia de Natal, o professor ia levar seus alumnos, á tradicional "Missa do Gallo".

Ao tomar lugar entre os meninos, Narciso foi alvo de risadas e chacotas de seus companheiros, porque não tinha como elles, roupas de lã, gorros, luvas e bons sapatos.

Todos sabiam que a tia de Narciso era rica e não podiam imaginar, porque Narciso andava tão mal vestido, calçando tamancos. Os seus tamancos!... Estes, então, muito fizeram soffrer a misera criança. Até o professor riu-se dellas, chamando-o pobretão!

O pobre Narciso tinha os olhos turvados de lagrimas, vendo a maldade de seus collegas. Entretanto, estudava e obtinha boas notas. E, só não era o 1.º da classe, porque sua tia negava-lhe cadernos, lapis e até livros!

Sorram 11 horas.

Os meninos encaminharam-se, em fórma, á Igreja, profundamente illuminada. O vasto templo estava apinhado de gente.

De frente do altar mór, estava armado um lindissimo presepe.

Nelle, numa gruta, rodeado por S. José, a Virgem e pastores, estava o Menino Jesus.

Acabara a Missa.

O povo que a assistia dispersou-se. As crianças iam para seus lares, contentes e ansiosos por collocarem seus sapatos na chaminé e irer depois, ver os presentes, que lhes poria Papae Noel, o bom velho de grandes barbas brancas. Andou nos seus corações, a chama da alegria! Narciso, tambem, tinha inabavel esperança de encontrar algum presente, no seu velho par de tamancos. Estava certo, de que Papae Noel não se esqueceria delle.

Quando sahira da Igreja, Narciso viu, deitado nos degraus do Templo, um lindo menino que dormia profundamente.

Não tinha sapatos e estava vestido de branco. Pobresinho! Pensou Narciso, está descalço! Nem um sapato tem, onde Papae Noel possa pôr algum brinquedo!

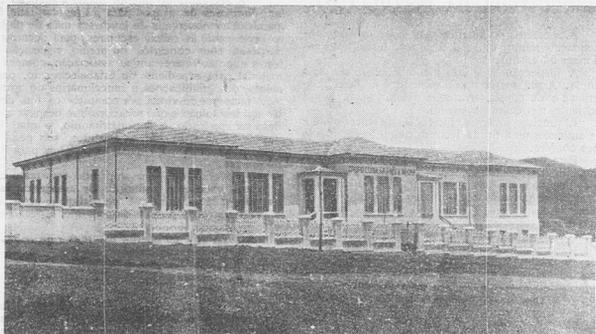
Vou dar-lhe um dos meus tamancos. Assim poderá receber tambem um presente. E movido de piedade, o bom menino descalçou um tamanco e o poz perto da criança adormecida. Andando custosamente, mancando, lá ia Narciso pela neve. Sentia frio no pé descalço, mas não se arrependia do que fizera.

Chegou á casa.

Sua tia recebeu-o arrogantemente. E, vendo que Narciso só trazia um tamanco, a malvada bradou-lhe:

—Onde está o outro tamanco, malandro?

Tremulo e assustado, Narciso contou-lhe tudo: quando encontrára a criança, a pena que tivera della e porque lhe dera o tamanco.



Grupo Escolar "Paula Rocha" — Sabará

—E pensas que podes dar o que é teu? Põe já o outro tamanco no fogo e amanhã encontrarás bonitos presentes.

A intenção da maldoza velha, era collocar no fogo, um feixe de varas com que castigasse Narciso. Este chorava convulsivamente, ouvindo tão duras palavras.

A pobre criança foi deitar-se e adormeceu dizendo baixinho: "Mãme!"

Logo que raiou o dia, a tia de Narciso desceu á cozinha. Logo que entrou, olhando casualmente para o fogo, deu um grito de espanto! Acontecera um milagre!

Na chaminé, no lugar onde, na vespera, puzera um molho de varas, estava uma bellissima arvore de Natal, carregada de brinquedos. Mesmo no cimo, nos ultimos galhos, estava um par de tamancos. Os tamancos de Narciso!

Pendiam dos ramos da arvore, saccos de bombons, livros, roupas de lã, jogos e brinquedos de toda a especie.

Ouviu-se grande algazarra. O povo corria para a praça, onde o vigário narrava-lhe o milagre, que na vespera, se dera na Igreja: a criança que alli dormia, era o Menino Jesus! Uma aureola de luz marcava o lugar onde Elle estivera. E Narciso, o pequenino orphão, apellidado entre os brinquedos, agradecia á Jesus...

Maria Candida C. Teixeira de Lima. (4.º anno)

### PROVA DE HISTORIA DO BRASIL

Perguntas:

- I. Quem descobriu o Brasil?
- II. Em que dia o Brasil foi descoberto?
- III. Em que dia foi celebrada a primeira missa no Brasil? E a segunda?
- IV. Como viviam os indios?
- V. Quem era o Pagé e quaes eram os deuses dos indios?

Respostas:

- I. Quem descobriu o Brasil foi um almirante portuguez, Pedro Alvares Cabral.
- II. O Brasil foi descoberto no dia 22 de Abril, no anno de 1500.
- III. A primeira missa foi celebrada no dia 26 de Abril; a segunda missa foi celebrada no dia 1.º de Maio, por frei Henrique de Coimbra.
- IV. Os indios viviam em tribus, cujo chefe se chamava Cacique e que era o mais valente da tribu. Elles se alimentavam da pesca, da caça, e raizes e fructas.

V. Pagé era um velho feiticeiro que servia ao mesmo tempo de medico, sacerdote e adivinho. O deus do bem era Tupan e o do mal era Hanhangá. Julho de 1924.

Yedda Sampaio do Couto.



pode tomar parte em política, para que não perca sua linha de neutralidade, prejudicando com isso o ensino e perturbando a tranquilidade, prejudicando com isso o ensino e perturbando a tranquilidade, prejudicando com isso o ensino e perturbando a tranquilidade.

Dirigindo-vos este ofício, para que não mais troqueis o trabalho pacífico e santo do ensino em aulas pelas rabas contendas da política, da qual só desgostes pelo esperar, estabeleço o alçamento do professor a trabalho no lugar onde residir, sem de poder contar com o aproveitamento dos chefes de família, trabalhando, amparado pela amizade e confiança de todos, em prol do levantamento do nível intelectual e moral de seus alunos.

Conto que meus conselhos serão bem recebidos e calarão em vosso espírito, pois estou no firme propósito de não tolerar a intromissão dos professores públicos em disputas políticas, que apenas servem para os sacificar.

A divisa de todos nós, que desejamos, sinceramente, o engrandecimento da Pátria, deve ser esta — trabalho intenso, firme e persistente — para assegurar a instrução primária, a fim de conseguirmos que os nossos pequenos patriotas, quando tiverem de agir na vida prática, o façam com verdadeiro proveito, desenvolvendo todas as fontes do progresso do país. — Saudações.

## NOVOS PREDIOS PARA GRUPOS ESCOLARES

### SABARA'

Em dezembro de 1923, quando presidente do Estado o sr. dr. Raul Soares e secretário do Interior o sr. dr. Fernando Mello Vianna, resolveu o governo a levar a termo a construção do Grupo Escolar de Sabará, após iniciada pelo sr. presidente da Câmara.

O preço, que de então já não servia mais, dadas as proporções a que atingira na cidade a frequência escolar e atentas as condições acanhadas da casa.

O governo quiz dar à legendaria cidade um predio confortavel, que satisfizesse aos altos interesses da educação primária.

A construção demorou pouco mais de um anno, porque em janeiro do corrente anno estavam as obras terminadas.

Custaram ao Estado 252:351\$250 e o serviço foi dirigido pelo sr. Serafim Mengueini.

A inauguração do grupo se deu no mez de fevereiro p. findo, entre as mais irradiantes demonstrações de entusiasmo por parte da população sabarense, estando presentes a solemnidade em companhia dos seus auxiliares de governo, o sr. presidente Mello Vianna.

O predio é vistoso e elegante, apresentando imponente aspecto de sua fachada.

Ao mesmo passo, ha simplicidade e simplicidade na sua construção. As salas de aula offerecem o conforto necessario aos que ensinam e aos que aprendem. Tudo bem dividido e bem delineado.

Uma obra bastante, emfim, para recomendar a seriedade de uma administração.

### THEOPHILO OTTONI

Em abril de 1923, o sr. presidente da Câmara de Theophilo Ottoni officiava ao então secretario do Interior sr. dr. Fernando Mello Vianna, offerecendo-lhe, devidamente autorizado, o terreno necessario para a construção do edificio destinado ao funcionamento do Grupo daquela cidade, «velha e legitima aspiração», que aquella municipalidade entregava ao alto patrocínio de s. excia.

Deram-se as necessarias providencias. Fez-se, na Directoria de Obras da Agricultura, a planta para um bom predio, que pudesse comportar 8 cadeiras. E em janeiro de 1924, o sr. secretario do Interior propoz á Câmara Municipal a assignatura do constructo para o constructo, ao que respondeu o seu presidente, accellendo a empreitada, depois que o municipio esperava aquella obra «desde muitos annos com os mais justos e esperados ancios».

O sr. secretario designou para fiscalizar o crevico o engenheiro Pedro Martins Guerra e, em 31 de outubro, antes do prazo marcado, o presidente da Câmara de Theophilo Ottoni communicou a terminação dos trabalhos.

A construção custou ao Estado 147:824\$000.

Mas, pelo depoimento pessoal de pessoas autorizadas, verifica-se que o diheiro publico foi applicado num melhoramento duradouro.

Tanto assim e que o povo de Theophilo Ottoni soube imprimir á sua gradidão um cunho de raro entusiasmo, tendo inaugurado nesto anno o novo e bello edificio em que esta agora funcionando o seu principal estabelecimento de instrução primaria.

### GUABARA'

Atendendo a um officio da directoria do Grupo Escolar de Guararã e a verificações posteriormente feitas em consequencia desse officio, o sr. dr. Fernando Mello Vianna, então secretario do Interior, determinou a construção de novo predio para o Grupo daquela localidade.

O existente na occasião estava em ruinas. Resolveu-se assim demoli-lo e construir outro, com o aproveitamento do material.

Dirigiu a construção, de que se encarregou o sr. João Francisco Manoel da Costa, o engenheiro do Estado dr. Carlos Alberto Pinto Coelho como fiscal.

As obras foram annunciadas por 59:592\$400, despesa que foi accrescida com a melhoria de outros serviços extraordinarios que surgiram imprevisiveis.

A construção, alçada em fins de 1923, está terminada. O predio satisfaz inteiramente ás necessidades do ensino em Guararã e foi feito com precisão, sendo rigorosamente fiscalizado pelo sr. empreiteiro do Estado.

Trata-se, pois, de um novo melhoramento, que se include entre os titulos de benemerencia de que é credora a administração mineira.

## DO CANTO NAS ESCOLAS

### SUA UTILIDADE

(José Európio)

O ensino do canto, nas escolas brasileiras, só agora vem assumindo a importancia que merece ter, porque só agora é que a escola vai se transformando em casa de alegria, em lar do espirito donde foram banidos os processos de terror, outrora em tão grande valimento.

Esta modificação para melhor ainda não está, porém, completa.

Ainda ha bastante que fazer, no reitudo de levar a escola até a altura ideal a que naturalmente ella aspira.

### PODER DA MUSICA

Nesta assenção, que se poderia dizer continua, a musica exerce papel de relevo excepcional, porque nenhuma arte possui tanta eficiencia de acção sobre nossa sensibilidade como esta dos sons.

Mo ha necessidade de demonstrar aqui o quanto a força emotiva da musica pode sobre as creaturas, através da sensibilidade de cada uma.

Já verdade vulgar este poder.

Trata-se de estudar o modo de tornar cada vez mais eficiente esta potencia utilizada como meio educativo, na Escola.

Sob tal ponto de vista as possibilidades da musica são illimitadas. Nenhuma arte se presta a acompanhar melhor a evolução da alma humana, porque para cada fase da intelligencia ella tem uma modalidade adequada, que se vai tornando cada vez mais complexa, á proporção que mais delicada, mais subtil mais penetrante, mais complexa vai se tornando aquella.

### ESCOLHA DA MUSICA

Utilizar a força educativa da musica consiste, portanto, em saber servir-se della na medida da sensibilidade do homem, sensibilidade que com a instrução, com o apego firmeçante gradual de intelligencia aos seus estímulos transcendentes, assume formas mais complexas que o engenho humano imaginou e realçou.

Isto quer, evidentemente, significar que na escola ha de a musica estar ao alcance das crianças.

Um grande composto de armonias haver dadas musicas: a que agrada ao ouvido e a que faz pensar. A musica, que se ha de dar ás crianças é sem duvida, a do primeiro genero que ha bisogno do ouvido, porque é agradável, facil de se fixar na memoria, facil de repetir.

Para chegar á segunda, a musica que faz pensar, é preciso que se vá aperfeiçoando a sensibilidade, aprendendo o gosto, alargando a comprehensão do pensamento musical, o que se obtém seja activamente, pelo estudo, pela pratica, ou passivamente pela audição continua de bons cantores. A criança deve-se dar musica propria para sua idade e sua comprehensão limitada.

A medida que se té educando e desenvolvendo seu gosto, irão sendo ensinados trechos mais difficeis e variados.

Esta distribuição gradativa e racional é diffici, actualmente, pela falta quasi completa de cantigas, hymnos escolhidos e convenientemente preparados para crianças.

### O CANTONEIRO INFANTIL E O CONCURSO DOS PROFESSORES

Não é, porém, diffici, há os poucos supprimindo esta falta. Tudo que os professores concorram, por todos os modos a sua accção, não só para que seja feita provelissimamente o canto escolar, dos poucos hymnos e cantigas de que disponço, como tambem recolhendo na bocca das crianças os cantares que ellas entoaõ nos seus dias.

APRENDER CANTANDO E ESTUDAR COM ALEGRIA

Conforme a natureza do assumpto e do texto do conto, deve o professor utilizar o ensejo para ensinar alguma coisa á criança, ao tempo empregado em cantar deve ser

valorizado e qualquer que seja o cantico ensinado, deve elle constituir um meio que o mestre usa para fixar alguma coisa na intelligencia infantil. A hora de canto, só breve ser um momento de alegria para as crianças, fica sendo tambem uma prolongação das aulas, uma lição que, á fór, alegremente o alumno aprende. Compreendendo assim, o canto escolar ficado ao seu verdadeiro papel de educador da sensibilidade e de orientador do senso da beleza.

Ora, ninguém ignora qual importante é a sensibilidade da criança, sensibilidade que é modalidade dos instinctos fundametaes da natureza humana.

Aprovada a com-saboria e intelligencia é orientar em segurança a evolução mental da criança da meia luz dos instinctos para a plena claridade da intelligencia.

Não se trata, portanto, de se poderia parecer, de formar artistas ou instruir musicos. Não. Estas preocupações, aliás desrazoadas, pertenciam á acção do professor, preenchendo a finalidade do seu esforço. Devesse ensinar á criança o mais que for possível, mas sem exigir-lhe esforços demasiosos, que transformam um momento de prazer em desprazer, sem encanto e esbanhamento.

(A) de Inoz.

(Continúa)

## OS Nossos Bons Professores

### PORTARIAS E OFFICIOS DE ELOGIO

Em Minas—mercê de Deus—as recommendações oportunas e energicas dos administradores bons não vêm encontrando, principalmente, no que diz respeito ao ensino, não vêm encontrando cumpridos mãos. O empenho ardente, cada vez mais vivo, pela eficiencia das nossas casas de instrução, a seriedade, cheia de entusiasmo, com que entre nós se procura resolver o problema educacional—não morrem nos altos conselhos do governo.

Em todos os recantos do Estado fortemente se projecta a sua acção. E no seio do professorado mineiro não são poucos aquellos que sabem imprimir ao desempenho profissional, ao severo cumprimento dos deveres, uma nota a mais de eficiencia e de vida, um calor maior, um raro calor de intelligencia no caminho traçado pelos superiores hierarchicos.

Ainda hoje publicamos os nomes de professores de varios estabelecimentos do Estado, os quaes mereceram do sr. sr. Sandoval Azevedo, Secretario do Interior, a distincção de um elogio, pela alta correção com que se desobrigaram dos deveres regulamentares.

São os seguintes esses professores, elogiados em portarias e officios de 1 de janeiro a 15 de fevereiro, e que assim tão justamente se recommendam ás palavras de que sinceramente cuidam do ensino em Minas:

### Relação dos professores elogiados no mez de janeiro de 1925

POR PORTARIA:

Dia 13:

—Maria Josephina Afonso, do povoado de Sopa, municipalidade de Diamantina;

- Dia 17:  
2—Wasilik Camargo de Abreu, no distrito de São Pedro dos Ferros, município de Rio Casca;  
3—Maria do Amparo Roque, no povoado de Baraunas, município de Diamantina;

- Dia 23:  
4—Maria Godoy, do distrito de Santo Antonio dos Teixeira, município de Viçosa;  
5—Maria Clementina da Silva, do povoado de Barroada, município de Guanhanês;

- Dia 26:  
6—Carla Victor de Souza, do povoado de S. Sebastião do Barro, município de Rio Casca;  
7—Raymunda de Castro, de S. Antonio do Mato-pio, município de Abre Campo;

- Dia 28:  
8—Maria José Vieira, da cidade de Raul Soares,  
Dia 3 de fevereiro:  
1—Seraphim Felcissimo de Paula Xavier, do Bairro do Alto da Cruz, na cidade de Ouro Preto.  
2—Firmino Costa e o corpo docente do Grupo Escolar, da cidade de Lavras;

- Dia 6:  
3—Amelia da Anunciação Pyramo, do distrito de Sussaby, município de Entre Rios;

- FOR ORFICOS:  
Dia 8 de janeiro:  
1—Marietta Cintra, da cidade de Passos;  
Dia 10:  
2—Laura Isequiela de Oliveira, do povoado de São Geraldo, município de Inconfidência;

- Dia 6 de fevereiro:  
1—Ercilia Borges de Amorim, de Lagôa Formosa, município de Patos;  
2—Alzira Borges Souto, na mesma localidade;

- Dia 10:  
3—Aurea da Magalhães, de Cabeças, município de Ouro Preto;  
Dia 12:  
4—Maria Carolina Vieira, de Engenheiro Correia, município de Ouro Preto;

- 5—Hilario Pinheiro Jardim e as professoras do Grupo Escolar que merecerem, de Arassuahy;  
Dia 13:  
6—Donato Eugenio da Silva e as professoras do Grupo Escolar de Campo Belo;

- 7—Anna Guimarães, professoras e empregados do Grupo Escolar, de Ouro Preto;  
8—Mercedes Italia Galloti Serra, de Sant'Anna, município de Cataguazes;  
9—Victoria Maria Alves, de Gouvêa, município de Diamantina;  
10—Francisca Rocha, de Martins, município de Oliveira;

- Dia 14:  
11—Augusto Macêdo de Gloria do Muriaé, município de Muriaé;  
12—Francisca Silveira Gomes Pereira, de Gouvêa, município de Diamantina.

## OS METODOS ESCOLARES DO ESTADO EM 1924

Os relatorios não se fazem para archivar. Principalmente os relatorios sobre ensino, cuja evolução tem de ser marcada constantemente e que deve, sempre, receber a influencia constructora das observações e das experiencias.

Assim pensando, resolvemos publicar esta secção, em que se registre o que de util e de melhor aconteceu, no anno p. findo nas cascas de instrução primaria do nosso Estado.

Iremos apossouos daudo desempenho ao objecto desta columna, que, sobre ser noticiosa, servirá de estímulo aos que de facto trabalham em prol do desenvolvimento do ensino.

### Pedra Branca

Matricularam-se no grupo de Pedra Branca: primeiro semestre, 246 alumnos; 2.º semestre, 229. Foram approvados 108 alumnos, representando 70% da frequencia que foi: 1.º semestre, 181; 2.º semestre, 153.

A Caixa Escolar rendeu 1:092\$300 e gastou 920\$540.

O inspector regional, que visitou esse grupo, teve boa impressão.

### Paraguassú

Matricularam-se no grupo de Paraguassú: 1.º semestre, 350; 2.º, 325. Foram approvados 186 alumnos representando 72%, da frequencia, que foi: 1.º semestre, 232; 2.º, 258.

A Caixa Escolar rendeu 1:289\$550 e despendeu 525\$700. A Camara local votou-lhe um auxilio de 300\$000 para 1925.

O grupo causou boa impressão, que foi annotada na Secretaria do Interior.

### Santa Quiteria

Matricularam-se: 1.º semestre, 375; 2.º semestre, 276. Foram approvados 179 alumnos, representando 69% da frequencia, que foi: 1.º semestre, 352 alumnos; 2.º, 256.

A Caixa rendeu 2:929\$415 e despendeu 570\$680. O grupo teve bom funcionamento.

### Pedro Leopoldo

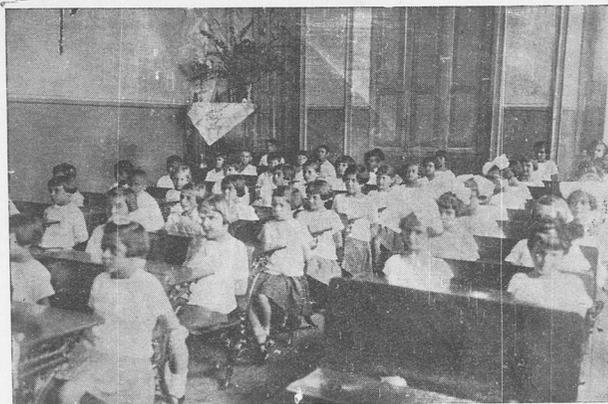
Matricularam-se: 1.º semestre 431; 2.º, 398. Foram approvados 1139, representando 58% da frequencia, que foi: 1.º semestre, 253; 2.º, 239.

A Caixa rendeu 3:526\$777 e despendeu 108\$000. A recolta da Caixa foi, pois, consideravel, o que muito abona director e professores.

### Campo Belo

Matrícula: 1.º semestre, 420; 2.º semestre, 432. Frequencia: 1.º semestre, 277; 2.º, 204. Foram approvados 187 alumnos, representando 70% de frequencia.

A Caixa rendeu 2.191\$888, com o saldo do anno atrazado, e despendeu 901\$580.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco". — Alumnos em aula

### Rio Branco

Matrícula: 1.º semestre: 608; 2.º, 414. Frequencia: 1.º semestre, 209; 2.º semestre, 239.

A Caixa, que é subvencionada pela camara local com 300\$000 annuaes, rendeu 2:341\$570, com o saldo do anno passado de 180\$810.

O grupo distribuiu varios premios, publicou um pequeno jornal e possui uma bibliotheca. Iniciativas dignas de applauso.

### Itajubá

Matrícula: 1.º semestre: 478; 2.º semestre 386. Frequencia: 1.º semestre, 280; 2.º semestre 270.

Trata-se de um grupo bem organizado.

### Lavras

Matrícula: 1.º semestre, 720; 2.º semestre, 645. Frequencia 527 (1.º semestre) e 507 (2.º semestre).

Foram approvados 279 alumnos, representando 55% da frequencia.

A Caixa rendeu 10:176\$468, com um saldo de 1923, e despendeu 5:113\$340.

O grupo possui um curso complementar, em que se approvaram 38 alumnos, representando 92% da frequencia.

A organização desse grupo, que é dos estabelecimentos que honram o Estado, abrange o ensino primario, o ensino tecnico complementar, o curso

para a formação de professores ruraes, a assistência escolar, a bibliotheca e o museu e caixa escolar.

O ensino primario é ministrado em 13 escolas; dá-se em cinco aulas o ensino tecnico; consta de 3 annos o curso de professores ruraes; a assistência se desdobra em servicos varios; funcionam regularmente a bibliotheca e o museu e a Caixa Escolar preenche os seus altos fins.

### Indayá

Matrícula: 1.º semestre, 437; 2.º semestre, 404. Frequencia, 284 (1.º semestre); 287 (2.º semestre). O numero de approvações abrangeu 64% da frequencia. A impressão do grupo é boa. Mas a Caixa Escolar sómente agora está tendo existencia real.

### Queleuz

Matrícula: 1.º semestre: 501; 2.º semestre: 491. Frequencia; 1.º, 334; 2.º, 318. Foram approvados 270 alumnos, representando 84% da frequencia.

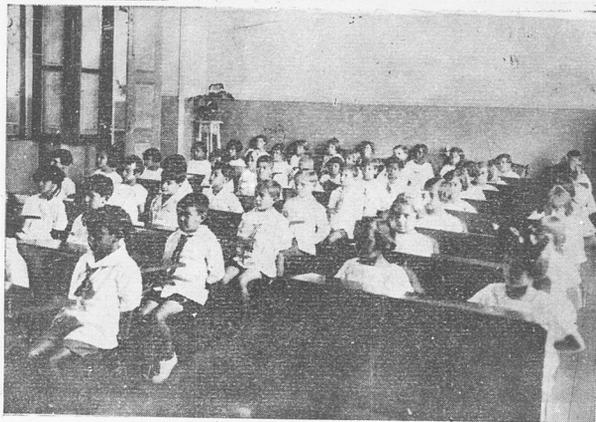
A Caixa rendeu 2:697\$000, com um saldo de 1923, e despendeu 451\$000.

### Itabira

Matrícula: 1.º semestre, 549; 2.º, 619. Frequencia: 1.º, 308; 2.º, 395.

Foram approvados 313 alumnos, representando 79% da frequencia.

A Caixa rendeu 1:430\$971, com um saldo de 1:156\$971 do anno de 1923, e despendeu 634\$500.



Grupo Escolar "Barão do Rio Branco". — Alunos em aula

### Clubs Agrícolas de Meninos e Moços

Em sua edição do 15 de fevereiro, o Jornal do Comércio do Rio publicou, subordinado à epígrafe supra, um interessante artigo sobre a instituição de clubs agrícolas, em diversos países da Europa e da América, tendo-se a acordar no peito dos jovens alunos verdadeiro entusiasmo pela aplicação dos ensinamentos recebidos nas escolas.

Tais agremiações tiveram início na ocasião da grande guerra e hoje acham-se fundamente arraigadas, tal a sua importância no ensino e na educação.

Um dos escopos primordiais dos clubs é o de ter o ensino uma repercussão na pratica, pois que sem essa condição, a instrução que os jovens educandos vão recebendo, são inteiramente sem base sólida e de nenhum proveito.

Assim entenderam varios países cultos como os Estados Unidos, Alemanha, a França e a Inglaterra, que, em cuja organização escolar, procuraram, com a implantação das utilísimas sociedades, dar o ensino um curso notadamente pratico.

Nas escolas agrícolas desses países, a mais séria preocupação dos dirigentes é a applicação dos conhecimentos theoreticos que os alumnos vão adquirin-

do, habituando-se estes a adaptar-se ao ambiente em que se acham e a profissão que mais tarde vão seguir.

A instituição desses clubs, se bem que recente, vem prospera e proveitosa. Com effeito, em 33 escolas do norte e do oeste existiam em 1921, 16.262 clubs, contando-se 212.287 socios, com uma produção de 4.219.226 dollars.

Além de ter o club escolar o característico do ensino pratico, ministra aos alumnos exercicios domesticos, não discurtidão, porém, outros filios de real proveito para a educação dos meninos.

A vista dos excellentes resultados praticos que se tem verificado nesses associações, a sua diffusão tem sido bastante accentuada em diversos países.

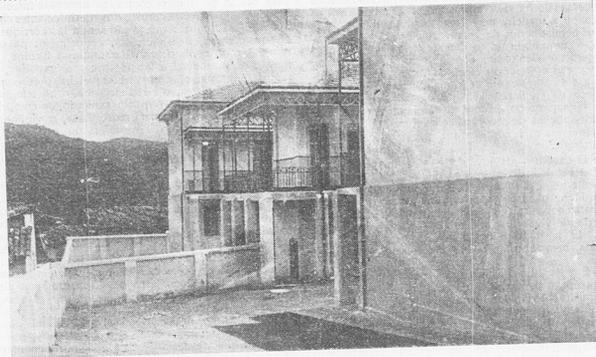
Nas escolas agrícolas dos Estados Unidos, tais agremiações visam diversos objectivos. Umias se occupam exclusivamente com a criação de porcos, outras com o amanho de batatas, milho, feijão, etc. O fim ultimo do club não está, porém, na criação e na horticultura em pequena escala. Applicando os principios theoreticos de plantação, cria de animaes, etc., o alumno tem occasiões frequentes de aprender novos methodos de tocar pequenas e grandes indústrias agrícolas, conhecendo de perto os processos mais recentes de hygiene, alimentação e conservação dos productos obtidos.

Ademais, como estímulo para as creanças e rapazes, — pois ha tambem os clubs para estes — illustrem-se certamente, realizam-se exposições de productos agrícolas, conferindo-se premios aquelles que exhibem os melhores fructos do seu esforço pessoal. Foi sobretudo destas exposições que nasceu nos meninos o lyrismo admiravel por tres sociedades.

De facto, os meninos impulsionados, como é natural á idade, pelo interesse e pelo egoismo, en-

contram certamente grande prazer no estudo, por este meio.

Seria uma medida de alta relevancia para a instrução, se o Governo introduzisse não só nas escolas agrícolas, como em diversos ramos do ensino, se tem afeição delles, poderiam ser o ponto de partida para o desdobramento de novos horizontes de progresso em nossa terra.



Grupo Escolar "Paula Rocha". — Fundo do edificio.

**ASSISTENCIA** Em Barbacena, um vereador municipal apresentou um projecto mandando subvencionar e ajudar o novo grupo escolar a fundar-se na cidade, estabelecendo recursos para a instalação da competente assistencia dentaria.

É uma idéa muito feliz, tanto mais quanto vale pelo que possa realizar e pela propaganda que effictua e obtém.

Hoje, todos os que se interessam pelas questões pedagogicas, pelo futuro das raças e pelo bem-estar da humanidade, sollicitam medidas tendentes a garantir a saude e a robustez dos individuos sob todos os seus aspectos.

A escola já não é sómente o ensino das primeiras letras: é tambem o ensino, o preparo de tudo que é necessário para tornar o homem saudavel e feliz.

Portanto, a escola deve ensinar como podemos agir para conservar em plena saude todos os nossos

órgãos, mas, ao mesmo tempo, precisa mostrar a melhor conducta para isso e ajudar e amparar o alumno quando elle sózinho não tiver recursos para tanto. Em outras palavras, num caso como o da assistencia dentaria, a escola não se deve limitar a ensinar como é necessário manter a hygiene da bocca: — e deve ajudar aos alumnos que não podem fazer os trabalhos cirurgicos dentarios.

Por tudo isso, a escola vai tendendo, não só por meio de seções annexas como de auxilios dos centros escolares, em contribuir para o bem-estar, a saude e prosperidade dos alumnos sob todos os pontos de vista. A assistencia dentaria vai sendo hoje, sob o ponto de vista da organização geral, o complemento indicado de todas as escolas modelo.

Nos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Suíça funcionam varios serviços nesse sentido e, entre nós, já temos a consignar tentativas e primeiros ensaios em alguns estabelecimentos dos Estados e do Distrito Federal.

## Novos rumos educativos

(PROF. NELSON DE SENNA)

Para épocas diversas, planos e programas diferentes: — é já um sophôgma pedagógico e didático. Ninguém pôde pretender ensinar e educar a gerações novas, nascidas e criadas sob outra ambiência de idéas, de costumes e hábitos, pelos mesmos processos de ha vinte annos atrás. O mundo inteiro tornou-se a maneira de viver da humanidade, nos seus hemisphérios da Terra. A electricidade, o rádio, o automobilismo, o cinema, a aviação, o telegrapho e o physico, com ou sem fio, as estradas de tração a vapor ou electrica, os inventos e applicações da Thesica e da Chímica... transformaram o aspecto da civilização, em nossos dias, e puzeram por toda parte ao alcance do homem, em qualquer idade, noções de progresso e conforto, que os nossos maiores mal conheciam, previram ou experimentaram.

O desporto da juventude, nos mais variados exercicios das diversas *sport's*, adestrou melhor a gente nova, tornou-lhe o corpo maneiro e esbello, e tonificou os mais esperançosos rebentos da raça humana, sob qualquer clima ou latitude, com uma alegria de viver desconhecida das gerações anteriores. E' agora que, como nos tempos aureos da Grecia, bem se pôde dizer: *Mens sana in corpore sano*.

E a disciplina juridica das sociedades policiaidas; a concepção democratica da politica, em nossos dias; o espirito christão dominante nos povos occidentaes; a mentalidade geral dos que governam ou dirigem as massas, sempre voltada para a realisação immediata de problemas essenciaes ao bem estar physico e ao equilibrio moral dos povos:—São factores in-discutíveis dessa profunda e sensível modificação do meio social e dos proprios individuos, em cada paiz. O menino de hoje se vê fazendo homem, num ambiente higienizado, onde se familiariza com outro regimen de conforto e asseio, e se habitua a costumes de sanidade physica, que eram desconhecidos das gerações passadas, aqui mesmo em nosso paiz.

Os meios variadissimos e rapidos de transportes, a diffusão dosapparells sanitarios, as redes de abastecimento d'agua potavel e as canalisações de esgotos, as casas de habitação edificadas sob outros preceitos architectonicos de ar e luz, os constantes melhoramentos urbanos e ruraes, as forças motrizes do vapor e da potencia hydraulica, através de tantas machinas e installações practicas e bemfezidas, e as irradiações de penas e fadigas esfaufantes:—tornaram as povoações e os campos mais saudaveis e atraentes para, naquellas e nestes, a gente viver.

Qualquer garoto de cidade «prende no ar», como se diz, uma série de noções, que outrora sómente os sabios ou eruditos podiam conhecer.

O thermometro, o para-ralo, o filtro Pasteur, o freio da locomotiva, a corrente electrica, o ventilador,

o papel carbonado para copia, o aeroplano e o vôo pelo espaço, as machinas de escrever e as registradoras e de calcular, a fita do cinema, o telephono, o radiogramma, o *collis* e o vale postal, o aviso meteorologico sobre a mudança atmospherica, a previsão do tempo, a hora fixa, o adubo fertilizante da terra (escorias, guano, nitratos), os instrumentos e tractores agricolas, as genericas noções de prophylaxia e therapeutic (o quimino e a extincção do mosquito eliminando o impulsionado, a vacina e os séros para defesa do homem contra as molestias infecto-contagiosas, a acção energica dos desinfectantes chímicos):— são cousas que já vão sendo tão corriqueiras, nos centros civilizados, como egualmente passaram a ser do conhecimento commum; a turbina, o ram a ser do conhecimento commum; a turbinha, o motor, o automovel, a luz electrica, a gazolina, o prélio typographic, a usina, a sorveteira, o reservatorio, a linha ferrea, o carro electrico, o fio telegraphico, o auto-falante, o posto sanitario, os comprimidos medicinas, o «mata-mosquitos», o vigilante nocturno, o guarda-civil, o estafeta ou carteiro do correio e do telephono...

E a imprensa vem sendo a grande propagadora por entre todas as classes dessas noções geraes do civilização e conforto, através dos jornaes, dos livros, dos almanagues, dos *magazines*, das revistas, dos annuncios da mais atraente *reclame*, em letra de forma, vindo o maravilhoso cinematographo, já tão vulgarizado, completar com a imagem animada as impressões deixadas pela leitura, no espirito de toda gente, velhos e creanças, letrados e incultos.

De modo que a escola de qualquer gráo, em nossa época, tem de reflectir nos seus programas de civilização e conforto, através dos jornaes, dos livros, dos almanagues, dos *magazines*, das revistas, dos annuncios da mais atraente *reclame*, em letra de forma, vindo o maravilhoso cinematographo, já tão vulgarizado, completar com a imagem animada as impressões deixadas pela leitura, no espirito de toda gente, velhos e creanças, letrados e incultos.

De modo que a escola de qualquer gráo, em nossa época, tem de reflectir nos seus programas de civilização e conforto, através dos jornaes, dos livros, dos almanagues, dos *magazines*, das revistas, dos annuncios da mais atraente *reclame*, em letra de forma, vindo o maravilhoso cinematographo, já tão vulgarizado, completar com a imagem animada as impressões deixadas pela leitura, no espirito de toda gente, velhos e creanças, letrados e incultos.

De modo que a escola de qualquer gráo, em nossa época, tem de reflectir nos seus programas de civilização e conforto, através dos jornaes, dos livros, dos almanagues, dos *magazines*, das revistas, dos annuncios da mais atraente *reclame*, em letra de forma, vindo o maravilhoso cinematographo, já tão vulgarizado, completar com a imagem animada as impressões deixadas pela leitura, no espirito de toda gente, velhos e creanças, letrados e incultos.

parar solidamente as gerações de amanhã, dando-lhes desde já a intelligencia e ao espirito "novos ritmos" mais compatíveis com o progresso humano.

Bello Horizonte, 13 de fevereiro de 1925.



## O ENSINO DE PHARMACIA

EM MINAS GERAES

Mal despiradas das faixas colonias, e apenas começando a respirar as auras tóxicas da vida autonoma, a Província de Minas-Geraes, creada na época da separação do Brasil, da metropoly portuguesa, começou, coiza, a cogitar em estabelecer o ensino superior, dentro de suas fronteiras.

E' assim que, ao alvorecer do primeiro imperio, isto é, em 1823, quando se discutia na Assembléa Constituinte Brasileira um projecto que fundava Universidades no Brasil, as Camaras Municipaes das Villas de Queluz, St. João d'El-Rey, Barbacena, S. José, Caeté, Tamandá, Baependy, Pitanguy, Sabará, Campanha da Princesa e do Príncipe, cientes das reminiscencias do sonho dorado dos Incoñtentes, manifestavam, ante a mesma Assembléa, seus votos de contentamento por ter tido a desejada occasião e lembraram a conveniencia do assento da Universidade em alguns de seus municipios.

Decorridos seis annos, a saber, a 28 de janeiro de 1829, discutindo-se no Conselho do Governo da Província, uma proposta concernente á instrucção publica, o Conselheiro Bernardo Pereira de Vasconcelos offereceu um artigo additivo, determinando que se estabelecesse, na capital mineira, o ensino das materias da Academia Medico-Cirurgica da Corte do Rio de Janeiro.

Tres annos depois, na sessão do dia 30 de janeiro de 1832, do Conselho Geral da Província, e assignado por José Pedro de Carvalho, foi apresentado um projecto da creação, na Villa de S. João d'El-Rey, de uma Academia Medico-Cirurgica, com as mesmas condiciones e equal numero de leites e substitutos que tem o Rio de Janeiro.

Todos esses tentos e todas essas indicações não passavam porém, de iniciativas generosas e de anccios de progresso, que sempre constituiriam o apañagio glorioso da alta Minas-Geraes.

Finalmente, dezesse annos depois de nossa emancipação politica, sendo Presidente da Província de Minas o notavel e sensível Bemar Jacinto da Veiga, foi volada a lei municipal n. 140, de 4 de abril de 1839, em virtude da qual foram creadas duas Escolas de Pharmacia, uma em Ouro Preto, outra em S. João d'El-Rey.

O primeiro desses institutos, depois de haver passado por diversas reformas tendentes a ampliar e a melhorar os cursos, consistia, ha oitenta e seis annos, em dois mais lecturos alôres de pharmaceuticos, e vae sustentando, com nobreza e gallardia, o banho de vida de um dos estabelecimentos de ensino superior de Minas-Geraes.

Com a proclamação da Republica e a consequente promulgação do Decreto do Governo Provisorio de 12 de novembro de 1890, que regulamentou, sob novo plano, o ensino publico, era de esperar-se que surgissem, nos Estados, desejos de potorem estabelecimentos de ensino secundario e superior, equiparaveis aos institutos federaes, nos termos do art. 28 do citado regulamento.

Foi, pelo menos, o que se deu aqui, em Minas, onde se verificou um verdadeiro reboar de aspirações que visavam alto, no tocante á instrucção publica.

Solo os auspícios da liberalidade do referido Decreto, e tomando como modelo a veia Escola de Pharmacia de Ouro Preto, muitos dos mais nobres acadêmicos, profissionais, fundaram-se diversas outras escolas congêneres, em varios pontos do Estado de Minas, nas quaes se distribue o ensino pharmaceutico, tae como de Bello Ho-

zizonte, Jizé de Póza, Leopoldina, Ouro Fino e Poço Alegre. Entretanto, é para a ancill Escola de Pharmacia de Ouro Preto, onde em sua minima parte, receberam ensinamentos aquelles que fecionam nas outras escolas, novamente creadas,—é para essa mais espirital, commum, que devem estender-se nossas mãos carregadas de benções e voar nossos corações tímidos de gratidão amorosa...

Fevereiro — 11—1925.

AURELIO PIRES

## A Eugenia

Dentre as relevantes iniciativas da actual reforma do ensino que constitue uma das mais notaveis realisações do grande presidente Melo Vianna e cujos destinos ceto engrênes especialmente á alta cultura e á accendrado patriotismo do illustre Secretario do Interior, Dr. Sandoval de Azevedo e do illustrado Dr. Lucio dos Santos, director da instrucção, cultismos devidas á da critica desta *Revista de Ensino*, pela natureza dos servicos que ha de prestar, não só como elemento orientador do professorado, como também de edificação do espirito publico que não pode divorciar-se das questões inherentes á instrucção primaria e da cruzada da desanalphabetização das grandes populações disseminadas pelo nosso vastissimo territorio, nesta hora feiz e de longo tempo esperada, em que se vai pôr em pratica a lei da obrigatoriedade do ensino.

Tendo fundado e dirigido durante dois annos uma *Revista de Ensino*, em nosso Estado, e que só desapareceu por ser uma publicação de iniciativa meramente particular, não é sem immenso jubilo que vejo surgir, oficialmente editada, esta *Revista*, graças ao sábio dispostivo da vigente reforma que a instituiu.

Dahi explica-se a razão de minha presença nestas columnas, onde tantas competencias se vão reafirmar e tantas promissoras revelações tentam de applaudir.

O sculo actual, com o seu feliz denominador por um pedagogico notavel — *seculo da criança*.

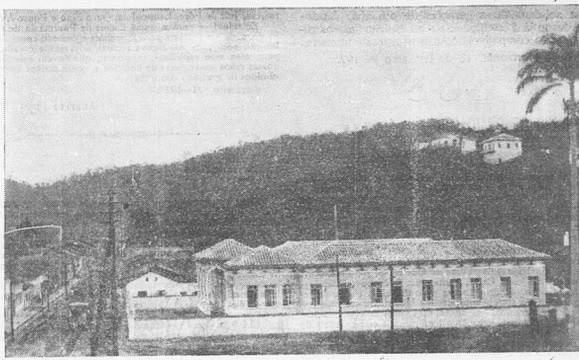
Não achamos hyperbolico cete designativo, quando vemos todos os paizes ciosos ao mesmo com tendencia para uma civilização mais perfeita; as autoridades mais lidimas no dominio da pedagogia e da cultura em geral; os espiritos superiormente patrioticos, voltados para os multiplos problemas que se relacionam com a obra maxima da educação da infancia.

Como se não bastassem as investigações e realizações pedagogicas de cunho exclusivamente scientifico, as organizações associativas com a preocupação intensa e inintermittente de disseminar e aperfeçoar o ensino; as agremiações de pedagogos e de educadores, que se empenham em serem as principais factores de propagação de methodos e doutrinas, a mais se não depára, como elemento precioso do ideal cioso, a escola maternel, criação admiravel jamais sufficiente.

O codigo de hygiene instituido pela reforma Melo Vianna e a escola maternel, criação admiravel jamais sufficiente, e a escola maternel, criação admiravel jamais sufficiente, e a escola maternel, criação admiravel jamais sufficiente.

Se os nossos educadores tiveram em vista a necessidade de implantar a hygienista a Allemannia, especializando-se no estudo da Eugenia, o que vale dizer no estudo nos *factores de influencia* das razas, e ter, por esse modo, passado para a solução, por processos directos, do importante problema da educação em geral.

Se é certo que em S. Paulo, ha funcionarios, com fructuosos resultados, um grande notavel de cultores da nova sciencia, se é sabido que as suas organizações de escotismo tiveram surto rapido e a caccia das novas academias, não podemos afirmar se por outras faces a Eugenia tem tido ao influencio, e se, em consequencia do apañagio de estudos e programas das respectivas aulas normaes se terá acolhido de algo referente á materia, além do que no vasto domi-



Grupo Escolar de Theophilus Ottoni

da psychologia experimental ou da pedagogia pôde interessar theoreticamente ao assunto.

Em Minas, que, incontestavelmente ao que concerne ao ensino primário, é o Estado que, no lado de S. Paulo, mais se salienta, só agora avoacem os primeiros sinais de maior interesse pelo problema.

Não seria que os educadores mineiros prestassem ao caso uma atenção porventura mais acurada, mais carinhosa e que promovessem, desde já, a criação de um centro de Eugénia, com a sede na capital e ramificação por todo Estado, antes mesmo que os poderes publicos, vivamente interessados na remodelação do ensino normal, ampliem a cadeira de psychologia experimental nas escolas officinas e equiparadas, especializando o estudo daquella sciencia até onde convier as relações existentes entre ella e a educação da infancia escolar.

As escolas normaes são indubitalmente o campo mais apropriado para o desenvolvimento desses estudos, como verdadeiros laboratorios para a formação dos elementos que directa e preponderantemente hão de actuar no organismo educacional.

Com professores inabêllos ou insufficientemente preparados não conseguiremos jamais ultrapassar os limites da rotina, da mediocridade, embora com excesso de entusiasmo e de boa vontade; não lograremos por em pratica os modernos processos que a pedagogia e as sciencias que lhe são correlatas nos offerecem para atingirmos o desideratum da educação nova, tão apregoiada e tão longe de ser ainda uma realidade em nosso paiz.

Vivemos ainda atados a tradições que em nada nos honram nem favorecem.

O pessoal do ensino em sua maioria carece de um espirito novo e de uma capacidade tambem nova que o façam comprehender que é passado o tempo em que apenas se via na criança uma *Intelligence a ser ornamentada e uma vontade que devia submitte-se a normas e prenoções de caracter puramente formalistico e artificial.*

Toda professora, além dos caracteristicos de uma individualidade profundamente insitruída na sua sciencia, deve estar apparellada dos recursos de uma educação especiali-

zada para o desempenho de sua alta missão. Não pôde nem deve anciosar-se indifferentemente no conformismo da rotina, deixando que o precioso tempo se escoe e desfilante ficando aos supremos interesses da Patria que precisa de gerações educadas á moderna, afim de arcar com as responsabilidades do presente e, ainda maiores, do futuro.

Tremendas, sem duvida, se annunciam estas para as nações que se encontrarem incapazes de supportar o confronto com as que se supercivilizam e que são tambem as que justamente mais cuidam da educação de seus povos.

Não nos esqueçamos, por isso mesmo, de que o século actual é bem o *século da criação.*

Encetemos, pois, sem tardança esta obra culminante, e nós, os professores, nos preparamos para a acção do momento e para as eventualidades do futuro. Remodelemos as nossas escolas normaes de que tanto depende a formação integral da professional. Transformemo-las de meros cursos de preparatorios em centros de cultura e aperfeiçoamento pedagogico.

Os fructos podem não ser immediatos, mas não hão de faltar.

Chí dura tu vince.

LINDOLPH GOMES.

### Associação das Mães

O Regulamento do Ensino Primário faz, de seu art. 88, menção ás associações das Mães de familia, associações inexistentes ainda em Minas, porém que os melhores fructos têm dado no Velho Mundo e na America do Norte, paiz de extraordinarias surpresas pelo arrojio de suas iniciativas, muitas das

quas invertem completamente os velhos methodos até então adoptados.

E tem razão o legislador. Na solução do problema da educação—phísica, moral e intellectuel—só tres os factores que andarão sempre juntos—o medico, a familia e a escola, sendo o primeiro e a ultima auxiliares da segunda, que não poderá completar por si só, a obra da educação da prole.

Omer Buisse se refere ligeiramente ás *União das Mães*, na sua esplendida obra sobre os methodos americanos de educação, attribuindo-lhe larga e profunda influencia sobre a orientação do ensino primario nos Estados Unidos.

Faria de Vasconcellos tambem se refere ás associações das Mães, mostra a necessidade de sua cooperação e declara que «o estudo scientifico da creança, a colaboração do medico e do pedagogista, tornar-se-lam esteiros quando não nocivos, si a familia contrariasse ou prejudicasse a obra da escola».

Essa colaboração é necessaria: é a força capaz de dar maxime efficacia ás leis sobre o ensino.

«Obras são amores... Todos os decretos do mundo não bastariam para fazer de um analfabeto um civilizado» (Posadas *Pedagogia*).

E' por isso que o novo Regulamento sabiamente suggere essa cooperação, que elle deseja espontanea, nada dispondo sobre sua organização e funcionamento.

E' que a mulher sabe educar pelo exemplo, pelo carinho, pela persuasão; tem o espirito de devotamento, de sacrificio, mesmo: sendo os joelhos das Mães o primeiro banco de escola (Ferez), é sobre ellas que se assenta o futuro de uma nação (A. Campos).

Pestolozzi considerava a Mãe de familia como o tipo de verdadeiro educador primario, a quem compete esclarecer e cultivar a intelligencia dos filhos de tal modo que a escola seja só um meio a continuadora da obra maternal.

A influencia que as associações regulares das Mães de familia podem exercer sobre as escolas é grande, como grande é o beneficio que dellas recebem. Primeiro, dessa intima colaboração com as professoras nascerá a confiança das Mães na obra da escola, suprehender nos filhos, pequenos defeitos dissimulados na sua presença, e os poderão corrigir; depois, prestarão informações preciosas á professora, medico da alma, como as prestam ao facultativo que lhes vae curar os filhos.

Sobrecarregadas como se acham as nossas escolas, de programas cada vez mais complexos, não dispõem de tempo sufficiente para fazer a educação moral dos alumnos. Os conselhos e exemplos prestam, é verdade, auxilio precioso na obra da educação, porém mais na parte que se refere ao trato social, á urbanidade.

A escola publica é um meio heterogeno, forte bastante para influir sobre o caracter em formação das creanças, cujos habitos moraes adquiridos em casa, não têm ainda razões muito profundas.

Agostinho Campos, que se lê sempre com pratica e acia use a escola deve modificar os seus processos, dando maior destaque ao ensino moral, não

por meio de leis e reformas escriptas, mas pela pressão moral das familias, e, cá missão em que muitas fallaram e modo lamentavel, é da mais alta gravidade, tanto mais que é lá que as creanças recebem as primeiras impressões e adquirem os primeiros habitos, que exercerão sobre elles influencia por toda a vida.

Admirsa-se Spencer de que as leis não exijam conhecimento algum para uma mulher ser mãe, quando leva o seu rigor ao ponto de não permitir que alguem possa tratar da saúde ou dos interesses de outro sem largos annos de estudo e... sem um certificado em regra.

E que advem dali? Ouvimolo sempre—«Minhas filhas são *incomprehensíveis*», Paulo Combes acredita-o bem, explicando que a unica mãe que tiveram tava meninas, foram as amas e as suas (1).

São as anedotas suspensas, as historias atrozizadas, as canções de *cabarets* que agriram sobre a alma em formação d'aquellas creanças, e quando alguem pede a atenção dos paes, desculpam-se—«As creanças não comprehendem», esquecidos de que «não se deve encher inutilmente a imaginação dos pequenos de cousas que não podem e, em todo caso não *devem* comprehender».

(El alma de vuestro hijo).

Além disso, são sementes que ficam guardadas e que a seu tempo germinarão á luz plena da consciencia, que as comprehenderá por fim.

As Mães estão, via de regra, occupadas nos seus affazeres, só pobres ou «occupadas» com as exigencias sociais—visitas, chá's, reuniões, etc.—quando ricas. De qualquer modo, os filhos são internados em collegios ou entregues a amas pouco amorosas, cujos trucs para se divertirem ás occultas dos paes não passam despercebidas ás creanças, que, além disso, são encadeadas, ou que são subornados, o que é ainda peor, para não contarem o que viram.

Belleissima educação, não ha duvida.

A simples disposição da lei do ensino declarando organos de consultas as referidas associações, sempre que se trate da «efficiencia e moralidade» do ensino, é um appello intelligente ás Mães para que se reunam e façam valer os seus direitos, exercidos pelo Estado—não de plano, mas para completar uma tarefa que a lei não lhes machadára q'fize sempre, e muitas vezes toda por se fazer.

Reunam-se, discutam as questões palpitantes do ensino e da educação. Que as Mães intelligentes e cultas orientem e esclareçam as que não têm estudo. Que a mais perfeita cordialidade reine nelleas reuniões, sem preocupação de religião ou de classes, niveladas, por momentos, ao menos, pelo nome sagrado de Mães, nunca permuta constante de ensinamentos e de energias.

Assim, o nobre movimento que o Regulamento do Ensino quiz despertar deve se fazer sentir logo e intensamente por todos os recantos do Estado.

Nas cidades, villas, arraiaes, onde houver Mães de familia bem intencionadas, o movimento deve levantar-se com um estêo da sociedade e da ordem.

Actuarão sobre as escolas e sobre todo o orga-

nismo social; as Mães se habilitarão para a sua gloriosa tarefa, preparando o seu espirito, enriquecendo-o de conhecimentos, illuminando-o, pois si, como pondera André Angiulli, «sem a familia, a educação carece de base; sem a sciencia, carece de norma e de criterio».

ALCEU DE SOUZA NOVAES.

## ASSISTENCIA MEDICO ESCOLAR

Da necessidade de uma estreita alliança entre a familia, o medico e a escola, sómente poderá duvidar quem jámais encanou a questão mesmo de passagem: é o truívirato protector das creanças e, por isso, da sociedade e da raça.

Cada vez mais se confirmam as palavras aureas de Montaigne. «Não é uma alma e não é um corpo que dirigimos: é um homem», e o velho brocardo *Mens sana in corpore sano*, toma vulto e importancia nesses tempos de «volta ao corpo», depois de um largo periodo em que este fôra esquecido em um pseudo proveito da parte nobre, que é a alma.

Demoullins encontrou, mesmo, uma formula feliz para o velho aphorismo de Platão: «*L'école doit développer à le fois, chez l'enfant, la largeur de l'intelligence et la largeur de la poitrine.*»

Vigiar o desenvolvimento das creanças, medir-lhes o crescimento e acuidade dos sentidos, auxiliando a natureza, quer evitando excessos, quer lhes fornecendo remedios e outros correctivos, tal é a tarefa do medico em relação aos alumnos, tarefa acrescida de outras não menos importantes e graves o combate aos defeitos originados por uma posição viciada e longamente mantida, como a escoliose, a cyphose, a myopia, etc.

A idade escolar abrange, em Minas, dois dos tres periodos importantes da vida dos meninos: a crise de crescimento, aos 7 annos, e a crise da puberdade, dos 12 aos 14.

Ambos affectam penosamente os alumnos, solicitando, quer para a evolução do seu organismo, quer para a sua adaptação a novas funções, todos os recursos da natureza, que não poderão ser desviados sem grave prejuizo para a saude.

As molestias cujo desenvolvimento é favorecido pelo meio escolar merecem especial cuidado, propaganda activa para a prophylaxia e cura: o sarampo, a coqueluche, algumas molestias dos olhos, pelle, a syphilis, etc.

As molestias do apparelho circulatorio, devidas a uma posição mal cuidada, que origina *cephalalgia escolar* e epistaxe, são constantes nos alumnos, principalmente si a sala é pequena, o ar viciado pelo excesso de creanças, a posição encurvada e insufficientes os movimentos respiratorios.

Guillaume, na sua *Hygiene escolar* declara haver encontrado sobre 731 estudantes — 296 sujeitos a frequentes dores de cabeça, e 155 que padeciam de hemorragia nasal.

As perturbações abdominaes devidas á posição assentada longamente mantida (peso no estomago, digestão difficil, inappetencia, etc.) são factos observados quotidianamente. A's vezes, porém, passam despercebidos ao professor que, notando a desatenção dos alumnos, procura corrigir-lhes um defeito de circulação sanguínea por exemplo, por meio de algum castigo mais ou menos severo... conforme a gravidade do máo estar.

A mesma posição assentada e immovel muito prolongada, a respiração pouco profunda, não fazendo trabalhar o apice dos pulmões, a poeira inevitavel, produzem predisposições á tuberculose, cujo diagnostico precoce é uma necessidade para a salvação do doente.

Raros por aqui, têm sido observados, todavia, casos de «papo escolar», tumefacção da glandula thyreoide produzida pela posição encurvada do alumno ao escrever, etc. e pelo uso de roupas apertadas que não permitem a livre circulação do sangue.

Os phenomenos de congestão peripherica, ainda occasionam outros males, entre os quaes as violentas «dores de dentes de escolares», que privam as escolas da frequencia de excellentes alumnos.

Esse mal é aggravado pelo facto de não estar completa a segunda dentição, quando o menino deixa a vida livre, dos jogos, pela immobildade da classe, dentição que é, assim, grandemente prejudicada.

A percentagem de anemiados e chloroticos é grande; os ancylostomiados, os que soffrem de outros parasytos intestinaes, os myopes, os duros de ouvidos, os que padecem de vegetações adenoides e tantos outros, formam legiões nas escolas.

Temos ali uma lista pequena dos males que se encontram entre os estudantes, males que podem ser promptamente julgados por uma acção conjugada do professor intelligente e do medico humanitario.

E não são sómente esses males. Quantas creanças pobres frequentam com extraordinario sacrificio as aulas de algum estabelecimento publico e, afinal, não conseguem, devido a enfermidades e defeitos organicos, um resultado que compense o seu heroico esforço.

Examinar periodicamente essas creanças, tratá-las medical-as, tal é o fim do serviço de assistencia medico-escolar, cuja criação se impõe á illustre classe medica e ao proficiente e caridoso corpo de pharmaceuticos e dentistas, mesmo antes da acção dos poderes publicos.

(Continúa)

Alceu de Souza Novaes.

### AVISO

Muitos artigos de colaboradores da *Revista* deixam de ser publicados no presente numero, por nos terem sido remetidos um pouco tarde. Apparecerão opportunamente.